# Cartografia Cearense Antiga na Biblioteca Nacional

José Liberal de Castro*

O presente artigo tenciona divulgar referências cartográficas pertinentes ao Ceará, integrantes do acervo documental da Biblioteca Nacional, entidade cultural com sede na cidade do Rio de Janeiro. De certo modo, o artigo constitui um prosseguimento de trabalho elaborado com igual objetivo, sob o título *Cartografia Cearense no Arquivo Histórico do Exército*, publicado pelo autor na Revista do Instituto do Ceará – tomo 111, de 1997 (p. 9-79).

A expressão prosseguimento, ora empregada, pede algumas considerações. No período colonial e ainda em boa parte do século XIX, todas as atividades cartográficas governamentais eram desempenhadas por militares, ainda que atendessem a interesses civis. Havia exceções, contudo, tais como algumas ações desempenhadas por oficiais de Marinha ou por estrangeiros, eventualmente contratados para a execução de tarefas de registros de domínio territorial. Tal distribuição de atividades explica por que razão, desde a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, desenhos de obras de defesa, mapas, relatórios e documentos afins permaneceram de posse do Real Archivo Militar, criado por D. João VI em 1808, com sede no Rio de Janeiro, então capital do Reino, embora inúmeros documentos fossem encaminhados a outras entidades oficiais criadas na ocasião.

O antigo Arquivo Militar tornou-se o atual Arquivo Histórico do Exército (AHEx), estabelecimento onde se acha reunida boa parte da

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

documentação original e oficial atinente à matéria.[1] Os documentos mais antigos, dos tempos coloniais, por decorrência das próprias circunstâncias históricas, acham-se preservados em instituições lusitanas, preferencialmente no Arquivo Histórico Ultramarino, mas também no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa. Cabe, porém, lembrar que mapas do litoral brasileiro, pertinentes àquele período, podem ser encontrados em outras instituições lusitanas, mas também em arquivos espanhóis, franceses, ingleses e holandeses, sempre envolvidas direta ou indiretamente com viagens de observação ou atividades de contrabando ou pirataria.

As competências atribuídas aos engenheiros militares no exercício da produção cartográfica explicam por que a quase totalidade do acervo documental brasileiro, elaborado na quadra imperial, não se encontra guardada em instituições civis, como a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional ou o Arquivo do Itamarati.[2] Por tais razões, o presente artigo, como se alertou, na verdade, dir-se-ia uma complementação, em vez de prosseguimento da matéria publicada pelo autor em tomo anterior da Revista do Instituto do Ceará.

## 1. Coleções cartográficas nacionais

Conquanto este trabalho seja dedicado ao exame do arquivo cartográfico da Biblioteca Nacional, o autor permitiu-se externar rápidos comentários sobre outras coleções, particularmente ante o fato de que cópias de muitas das peças integram diferentes acervos.

Tal propósito impõe, todavia, alguns esclarecimentos. Antes de tudo, portanto, cumpre reiterar que a mor parte do material cartográfico colonial brasileiro se encontra em Lisboa, embora as cartas oitocentistas já se achem quase todas guardadas no Brasil ou, mais precisamente, em instituições federais com sede na cidade do Rio de Janeiro. Referem-se

[1] O Arquivo Histórico do Exército / AHEx (Casa da Memória do Exército) foi fundado em 1986, em substituição do antigo Arquivo Militar. Localiza-se no Palácio Duque de Caxias - 6º andar, na sede do Quartel-General do Comando Militar do Leste, na cidade do Rio de Janeiro

[2] Durante boa parte do século XIX, a Imperial Academia Militar (anteriormente, Real Academia Militar e, depois de 1858, Escola Central do Exército) constituía o centro de formação nacional de engenheiros militares e civis, organizado conforme modelo transcrito da École Polytechnique, francesa. O ensino da Engenharia Civil, ministrado isoladamente em instituições civis de nível superior, entretanto, somente teve início quando da criação da Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1874, posteriormente denominada Escola de Engenharia da Universidade do Brasil, a atual Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

na quase totalidade ao período imperial, preservadas nos acervos do já mencionado Arquivo Histórico do Exército e mais, da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional, da Mapoteca do Itamarati e do Serviço de Documentação da Marinha. No Rio de Janeiro, pedem também referências outras entidades culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à parte as valiosas coleções espalhadas pelo País em repartições estaduais e municipais, em bibliotecas universitárias, bem como em acervos particulares.

### 1.1. A Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Fundação Biblioteca Nacional) foi criada por D. João VI em 1808, com obras trazidas de Portugal e enriquecidas com posteriores aquisições e doações. Organizada em setores administrativos e técnicos consoante várias partições, uma delas se denomina Divisão de Iconografia, de larga abrangência, uma vez que voltada para a guarda de diferentes expressões imagísticas. Desse setor genérico, em 1998, foi desmembrada a Divisão de Cartografia, constituída para lidar com matéria específica, de interesse deste trabalho.[3] Em buscas no acervo da Biblioteca Nacional (e de outras instituições congêneres), deve-se ter em conta que muitas peças oferecidas à consulta pública são cópias, ora extraídas de desenhos antigos (feitos à mão), ora obtidas por meios mecânicos de impressão ou digitalizadas. Deste modo, em arquivos de várias entidades culturais brasileiras e portuguesas, em vez mapas originais, podem ser também encontradas reproduções autênticas. Ainda no quanto abrange cartas originais, conviria advertir que muitas delas, por medidas de preservação, têm a consulta interditada, admitida somente em casos excepcionais.

### 1.2. O Arquivo Nacional

O Arquivo Nacional é uma autarquia vinculada ao Ministério da Justiça. Fundado em 1838 e então denominado Archivo Publico do Imperio, acolhe documentação histórica nacional atinente a assuntos administrativos, legislativos e judiciários. Conta com um Serviço de Documentação

[3] Sobre origens, organização, circunstâncias e particularidades da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional, ver a nota nº 17, pertinente à *Entrevista com Maria Dulce de Faria.*

Cartográfica e Fonofotográfica, o qual, constituído em data relativamente próxima (1958), explica tanto a razão de mostrar acervo de menor porte, quando comparado com as outras mencionadas instituições, bem como também esclarece por que guarda peças elaboradas em dias mais recentes.

Nas coleções do Arquivo Nacional há cartas de interesse cearense, entre as quais, um grupo de plantas de cidades interioranas do século XIX, levantadas pela Repartição dos Telégrafos. Inclua-se ainda um plano de desenvolvimento físico fortalezense oferecido por Antônio Simoens Ferreira de Farias em 1850, plano não materializado, proposição a que o autor deste artigo dedicou trabalho publicado na Revista do Instituto do Ceará (t. 119, 2005: 93-123). O Arquivo Nacional também guarda cartas atinentes às seguidas tentativas de organizar o porto de Fortaleza.

### 1.3. A Mapoteca do Itamaraty

A Mapoteca do Itamaraty participa do riquíssimo acervo do Arquivo Histórico do Itamaraty (mais de 30 mil documentos) formado pelo Ministério das Relações Exteriores ao longo do tempo. Tal como verificado com a Biblioteca Nacional, o início da organização do acervo do Itamaraty procede de material componente de arquivos portugueses, trazido quando da transmigração da Família Real em 1808. As origens lusitanas da coleção cartográfica remontam às tentativas de determinação das fronteiras do Brasil, conforme estipulado nas cláusulas do Tratado de Madrid, assinado em 1750. Entre outros intentos, o tratado objetivava por termo às divergências entre Portugal e Espanha, surgidas em decorrência da ampliação do território lusitano em terras americanas nos tempos da chamada união das coroas ibéricas (1580-1640), efetivada por ocupação das terras a oeste do chamado meridiano de Tordesilhas. A definição dos limites nacionais brasileiros, matéria diretamente amparada pela cartografia, conheceu debates prolongados ainda até os primeiros anos da República, quando se consagraram as valiosas contribuições de nomes empenhados nos trabalhos, como o Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco e tantos outros. A Mapoteca do Itamaraty, por tais razões, possui uma notável coleção de cartas geográficas, as mais antigas do Brasil.[4]

[4] Uma das versões do mapa da Capitania do Ceará, elaborada em 1813 por Antônio José da Silva Paulet, integrava a Mapoteca do Itamaraty. Desapareceu, conjuntamente com outras peças.

### 1.4. As coleções da Marinha

A Marinha, por força de suas funções, conquanto interessada no presente, conta com serviços relativos à cartografia antiga brasileira. Cabe mencionar a ação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) ou, mais precisamente, a Mapoteca da Biblioteca da Marinha, com origens também ligadas a material cartográfico português vindo com a Família Real, e enriquecida com doações e aquisições de cartas e atlas antigos.[5] Entre outras finalidades, as cartas náuticas atuais despertam especial interesse, pois se mostram precisas quando do estabelecimento de comparações com os velhos mapas, em particular no capítulo das batimetrias, uma vez que o relevo dos mares (de maior interesse nos estudos de profundidade do litoral nas bacias portuárias) conhece permanentes mutações, naturais ou provocadas pela intervenção humana.

### 1.5. A Coleção Studart

Com respeito à documentação cartográfica cearense, não se pode omitir a notável coleção organizada pelo Barão de Studart, formada por 162 mapas, todos devidamente relacionados e comentados em artigos publicados pelo historiador na *Revista do Instituto do Ceará*. A coleção Studart contemplava um amplo arco temporal, desde a cartografia vetusta a mapas já do primeiro quartel do século XX, compreendendo praticamente toda a documentação cearense integrante das coleções públicas ora mencionadas e, mais ainda, contando com peças não registradas naqueles acervos. A coleção magnífica, embora constituída de cópias, desapareceu após o falecimento de Studart.[6]

[5] Os estudos de cartografia marítima luso-brasileira antiga e preservação do acervo náutico nacional antigo (Museu Naval) muito devem à saudosa figura do almirante Max Justo Guedes (1927-2011).

[6] Quanto à Coleção Studart, matéria, aliás, divulgada em vários artigos do historiador publicados em outras oportunidades, acha-se reunida em uma lista definitiva do acervo, incluída em *Geographia do Ceará*, na secção *Cartographia, Mappas Cartas etc / Referentes ao Ceará*, texto apresentado na Revista do Instituto do Ceará t. 37, de 1923, obra transcrita porStudart em 1924 em livro homônimo e republicada pelo Instituto do Ceará, sob patrocínio do Banco do Nordeste, em 2010. (STUDART, 2010: 172-217). Quanto ao lastimável desaparecimento da coleção, abandonada e exposta à intempérie após o falecimento de Studart, ver comentários incluídos pelo autor deste artigo em texto dedicado ao acervo cartográfico do AHEx, na Revista do Instituto do Ceará, já referido. (t. 111, 1997: 11-12). Os mapas, em sua maioria executados com aquarela, não resistiram à ação da água. Sobre Studart, insistentemente citado neste artigo, considerar os comentários de José Honório Rodrigues: "O Barão de Studart

## 2. Peças artesanais antigas e mutações técnicas

Nos acervos cartográficos mencionados neste trabalho ou em outras referências, quaisquer que sejam, as peças muito antigas constituem um corpo documental considerado à parte, uma vez que várias delas, por sua fragilidade material, somente podem ser consultadas por intermédio de solicitação expressa, além de manuseadas com cuidados especiais. Sobre o mais, por haverem sido executadas artesanalmente e reproduzidas por via manual, mostram exatidão nem sempre confiável, dependente da qualificação e da honestidade de desígnios dos copistas.

### 2.1. Novos meios de reprodução da imagem: a litografia

Os cuidados especiais exigidos na preservação de peças artesanais foram gradativamente removidos no transcorrer do século XIX, quando começaram a ser empregados processos mecânicos de reprodução de imagens, beneficiados, de início, com recursos das técnicas de litografia.

Litografia (gr. *lithos* = pedra; *grapho* = gravar, escrever) é um processo que utiliza a aplicação de desenhos executados em uma pedra calcária plana, com tintas pastosas específicas ou com lápis gordurosos. Submetida a preparo especial, a pedra retém os desenhos, que serão posteriormente reproduzidos em papel. Assim, pela produção de cópias de superior qualidade, aliada às vantagens das tiragens amplas, desde logo impressas comercialmente, a litografia também se impôs pelos padrões de qualidade do papel e pela perfeita nitidez das legendas e dos desenhos, estes, pouco tempo depois, já executados com registros coloridos. O entusiasmo despertado pela novidade atraiu o interesse de diferentes admiradores, entre os quais, pintores e gravadores, com intuitos artísticos. O desenvolvimento dos processos litográficos criou posteriormente novas técnicas de reprodução, sustentadas por substratos de impressão metálicos - cobre, zinco, alumínio, uma delas, hoje corrente, conhecida por *offset*.

As origens da litografia ligam-se ao nome de Alois Senefelder (Praga, 1771 - Munique, 1834), o qual, após insistentes pesquisas, usando placas de pedra e tomando como partida observações de certo modo

foi o maior historiador local do Brasil (...) era a enciclopédia viva do Ceará. (...) Studart representa na historiografia local o mesmo papel de Varnhagen na história brasileira geral." (RODRIGUES, 1959: 33-34).

verificadas por acaso, formulou em 1796 um processo de impressão mais completo e mais barato do que aqueles então em voga.[7]

A difusão da litografia na Europa foi imediata, principalmente nos meios artísticos. Chegou ao Brasil bem cedo, por intermédio de Johann Jakob Steinmann (1804-1844), jovem suíço ainda pouco destro no ofício, mas com fortes aspirações comerciais, contratado como litógrafo do governo imperial em 1825.[8]

### 2.2. Novos meios de medições

O avanço nas técnicas de impressão verificado no transcorrer do século XIX, há pouco referido, na verdade, já vinha sendo antecipado por visíveis progressos nos métodos de medição de regiões amplas, com repercussão nos trabalhos cartográficos. Surgiam assim vantagens na precisão dos dados exibidos, quer pelo aprimoramento da aparelhagem de observação, quer pelo emprego de recursos matemáticos, ou melhor, pelo uso dos sistemas geodésicos, amparados na trigonometria. Países como a França logo providenciariam o levantamento de todo o território nacional, utilizando os novos processos ditos de "triangulação", que se tornaram correntes nos anos oitocentos (ver nota 23). As medições artesanais, até então efetuadas pelos "cordeadores" das câmaras municipais, condenadas ao rápido desaparecimento, cedo perderiam o prestígio.

### 2.3. Novos meios de divulgação: a *Exposição de Historia do Brazil*

Mapas e documentação correlata, que formam o inventário cartográfico da Biblioteca Nacional e outras instituições, foram apresentados ao público na célebre *Exposição de Historia do Brazil*, realizada no Rio de Janeiro em 1881. Após o evento, muitas coleções permaneceram na Biblioteca Nacional, ou porque a ela já pertenciam ou por terem a ela sido

[7] Então já difundidos e consagrados, os procedimentos de Senefelder foram expostos em um livro intitulado *Curso completo de litografia*, publicado em 1818. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1965, v.14: 111-116).

[8] Com referência às atividades de Steinmann e trabalhos de litografia desde logo por ele desenvolvidos no Brasil e por terceiros, ver *Imagem e letra*, de Orlando da Costa Ferreira (EDUSP, 1994).

então doadas, enquanto outras retornaram às suas origens. Estas alusões, pertinentes à mostra, cumpre esclarecer, têm o propósito de demonstrar a riqueza do acervo nacional exposto há mais de um século, conforme o atesta o Catálogo da *Exposição*, com ênfase nas peças cartográficas então relacionadas.

A *Exposição* materializava questão levantada pelo Barão Homem de Mello, titular do Ministério do Império[9], e foi organizada com patrocínio imperial sob a direção de Ramiz Galvão[10], diretor da Biblioteca Nacional, à frente de um pequeno grupo de auxiliares, entre os quais se encontrava o jovem João Capistrano de Abreu[11], que ingressara, havia pouco, nos quadros administrativos da instituição. O evento ocupou os amplos espaços do Cassino Fluminense, na rua do Passeio, edificação posteriormente cedida ao Automóvel Club.[12]

[9] Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello (Pindamonhangaba / SP,1837- Campo Belo / SP, 1918), gestor público, político, advogado, professor, historiador, geógrafo. Participava do seleto grupo de membros da administração imperial, tendo ocupado a presidência de várias províncias, entre as quais, a do Ceará, entre 1865 e 1866. Conforme informa o catálogo da *Exposição* em *Secção Artística*, *classe XV – Vistas, Paisagens, Marinhas*, Homem de Mello apresentou nove "estampas", que mostravam aspectos do Palácio do Governo, em Fortaleza, e de locais vizinhos, em fotografias de sua coleção particular, as quais, se realmente efetuadas em 1865, constariam entre as mais antigas tomadas na Província. (CATÁLOGO, [1881] 1981: 1408). Nascido no vale do Paraíba do Sul, zona cafeicultora de escravocratas poderosos, Homem de Mello era abolicionista convicto. Em textos rememorativos de suas andanças, lembrava o Ceará, externando a admiração causada pelo comportamento espontâneo e comunicativo dos trabalhadores não escravos, que conhecera nas plantações de café da serra de Baturité: "mostrando em seus movimentos a dignidade de um ente livre, appareciam-me por toda a parte, executando com desembaraço alegria os differentes trabalhos da lavoura." (MELLO, F. I. M. Homem de, 1872: 84).

[10] Benjamin Franklin Ramiz Galvão (Rio Pardo / RS, 1846 – Rio de Janeiro / RJ, 1938), médico, professor, helenista, filólogo, expressiva figura na vida cultural brasileira imperial e republicana.

[11] João Capistrano Honório de Abreu (Maranguape / CE, 1853 – Rio de Janeiro / RJ, 1927), futuro grande nome da historiografia brasileira. De início, estudou em escolas particulares e no Seminário da Prainha, em Fortaleza, tendo vivido dois anos no Recife. De retorno a Fortaleza, desenvolveu intensa atividade intelectual (Escola Popular, Academia Francesa). Por instigação de José de Alencar, que o conheceu quando visitou o Ceará, em 1873, Capistrano transferiu-se para o Rio de Janeiro dois anos depois, vindo a integrar os quadros administrativos da Biblioteca Nacional por concurso público, em 1878, no cargo de oficial. Em 1883, defendeu a tese *A Descoberta do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*, tornando-se professor catedrático do Colégio Pedro II. No preparo da *Exposição*, conquistou papel destacado como responsável pela apresentação e divulgação da *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador.

[12] Referência da arquitetura neoclássica nacional, o edifício que abrigou o evento, projetado por Manuel Araújo Porto-Alegre (1806-1879), ainda permanece de pé, embora mantido com algumas compreensíveis alterações. Tem a frente voltada para o Passeio Público e fica vizinho

A *Exposição* ficou distribuída em salões, designados por nomes ilustres, como Pedro II, Ayres de Casal, Varnhagen, Silva Lisboa (Visconde de Cayrú) e mais outras figuras correlacionadas com os respectivos temas. O Salão Velloso, por exemplo, homenageava as ciências naturais na pessoa do botânico José Mariano da Conceição Velloso. Exibia retratos de figuras expressivas nas ciências, entre as quais o também botânico Francisco Freire Alemão de Cysneiros (1797-1874), chefe da *Commissão Scientifica de Exploração*, que percorreu o Ceará entre 1859 e 1861.

Segundo o *Catálogo*, a documentação exposta dividia-se em nove *Classes*, estas, por sua vez, agrupadas em "parágrafos". Quanto à temática, interessa ao presente artigo a *Classe I - Geographia do Brazil*, particularmente o parágrafo 7º, dito das *Chartas geographicas, hydrographicas e topographicas*, em especial o item *f*, das *chartas das províncias*.[13] O Ceará ocupava as páginas 216 a 218, com 30 documentos.[14] Vale, entretanto, assinalar algumas impropriedades na identificação e na localização das peças expostas, pois às vezes entremeavam mapas com desenhos de obras de arquitetura, como ocorrido com a Fortaleza da Assunção, na capital do Ceará, e com o forte dos Reis Magos, este construído em Natal!...

Na relação cearense, apenas cinco cartas procediam da própria Biblioteca Nacional, acrescidas de mais outras quatro, pertencentes a particulares, uma delas à coleção da Imperatriz Thereza Christina. Os mapas restantes integravam o acervo do Arquivo Militar, entre os quais havia 12 levantamentos de "enseadas e barras de rios", situadas entre a foz do rio Parnaíba e a cidade da Fortaleza, trabalho executado pelo capitão João Bloem, do Imperial Corpo de Engenheiros, em março e em agosto e setembro de 1825.[15] Nos mapas de Bloem, apareciam duas localidades

à Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (GUIA, 2000: 42). Por bom tempo, abrigou o Cassino Fluminense, um dos espaços de referência social na Corte, mencionado em obras literárias - na trama de romances e contos e nas crônicas da vida elegante da cidade do Rio de Janeiro.

[13] A expressão *charta* reproduz em grafia original o vocábulo latino, assim traduzido: "*charta* ou *carta*, *-ae* - subs. f. Folha de papel, e depois, folha escrita, livro, registros públicos, documentos escritos." (FARIA, 1943: 55).

[14] Ver o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, publicado pela Editora Universidade de Brasília, em 1981, em edição fac-similar comemorativa do centenário da *Exposição,* valorizada com a erudita apresentação de José Honório Rodrigues. O *Catálogo*, com cerca de 1.760 páginas e 20.337 referências a documentos exibidos, tanto comprova a cooperação oferecida por diversas instituições públicas e colecionadores particulares, como demonstra a amplíssima abrangência temática da notável mostra e do próprio acervo da Biblioteca Nacional.

[15] João Bloem( ? – 1851) era militar e engenheiro alemão, naturalizado brasileiro. Em 1825,

ditas cearenses – "Igarassu" e "Carramupim" (Camurupim), as quais, um ano antes da abertura da *Exposição*, haviam sido transferidas para o Piauí. Ambas situavam-se em pequena faixa de terra praieira, conhecida por Amarração, pertencente ao Ceará e que fora permutada por extensa área central da província do Piauí, correspondente às nascenças do rio Poti, onde hoje se encontram o Crateús e municípios vizinhos.

### 2.4. A cartografia no século XX

Durante o século XX, em sua primeira metade, surgiriam os levantamentos aerofotogramétricos. Constituíam um valioso avanço nos trabalhos cartográficos, apoiado no desenvolvimento da navegação aérea e da acuidade fotográfica. O processo recorria a sistemas de restituição gráfica de fotogramas, isto é, fotografias aéreas perpendiculares ao solo, as quais, sucessivamente ajustadas por superposição parcial, formavam o todo em exame. Resultava assim uma montagem em "mosaicos", quer dizer, faixas de imagens seqüenciais das áreas levantadas, oportunamente impressas com restituições bidimensionais ou analisadas em vistas estereográficas, obtidas por meio de equipamentos especiais.

Na segunda metade do século, surgiriam novos meios de elaboração cartográfica apoiados no emprego de satélites artificiais, alcançando destaque a possibilidade de se obterem fotografias tomadas em pontos longínquos, praticamente infinitos e, portanto, sem deformações óticas, a par do uso dos meios eletrônicos de captação, reprodução e impressão das imagens.

O emprego recente da informática tem permitido a extração de cópias digitalizadas de alta definição, divulgadas, adquiridas e remetidas instantaneamente a locais distantes por meio da Internet.[16]

entre outras atividades, realizou no Ceará tarefas cartográficas. Posteriormente, desenvolveu em outras regiões do País reconhecida carreira profissional, havendo dirigido a [Real] Fábrica de Ferro, em São João de Ipanema / Sorocaba, São Paulo, montada pelo alemão Friedrich Ludwig Varnhagen, pai do historiador. Em seu desfavor, entretanto, ficou tristemente ligado à história cearense como o comandante do pelotão de fuzilamentos que executou, no mesmo ano de 1825 (ano de seca), os revoltosos da Revolução do Equador. (STUDART, 1924: 192-193).

[16] As vantagens dos processos de digitalização com alta resolução, infelizmente, deparam restrições impostas pelo projeto gráfico da Revista do Instituto do Ceará (dimensões e soluções monocromáticos), que não permitem a cabal reprodução de cartas coloridas mencionadas neste artigo. As compreensíveis limitações da Revista explicam a redução de tamanho e do número de ilustrações apresentadas no artigo. Acresça-se também o fato de muitos mapas não possuírem cópias digitalizadas, o que lhes dificulta ou lhes inibe a apresentação neste trabalho.

## 3. Biblioteca Nacional - o acervo cartográfico

O acervo cartográfico da Biblioteca Nacional, por sua diversidade, pede algumas informações antecipadas. Nos arquivos da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional, há uma total separação entre os mapas artesanais (manuscritos) e os mapas já impressos em sua origem ou aqueles transcritos mecanicamente de originais ainda executados por meio de processos artesanais. Esse fato explica a possível separação com que são apresentados.

No manuseio das fichas, nota-se que numerosas cartas antigas do acervo da Biblioteca Nacional compõem "coleções" designadas com nomes de pessoas. Entre as várias referências, muitos mapas de interesse cearense trazem a indicação *Col. B. Ottoni,* coleção que constitui provavelmente a mais rica de quantas se organizaram no Brasil e até no exterior, formada por livros, mapas, desenhos, documentos históricos. Reunida durante longo período pelo bibliófilo José Carlos Rodrigues (1844-1923), a coleção ficou exposta à venda em 1911. Adquirida na ocasião pelo industrial Júlio Benedicto Ottoni (1856 - ?), foi generosamente doada pelo novo proprietário à Biblioteca Nacional no ano seguinte, todavia sob a condição de sempre aparecer designada pelo nome ilustre do pai do outorgante, o engenheiro Christiano Benedicto Ottoni (1811 - 1896), um dos introdutores do transporte ferroviário no País. Técnico renomado, administrador público e político de prestígio, tem seu nome consagrado na praça fronteira à vasta estação inicial das linhas da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

Com respeito à organização do acervo da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional e suas particularidades, pede atenção a referência formada pelas letras ARC, seguida de números que indicam a localização dos mapas.[17]

[17] Particularidades do sistema de controle empregado pela Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional podem ser decodificadas com a leitura da entrevista concedida pela bibliotecária Maria Dulce de Faria à revista *Acervo* (v. 29 - jan. jun. 2016: 9-30), editada pelo Arquivo Nacional. Especialista no tema e diretora da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional, a entrevistada oferece esclarecimentos pormenorizados sobre a organização daquele setor da instituição. As letras *ARC*, citadas um pouco adiante, antepostas à numeração identificadora das peças nas devidas fichas, constituem uma redução da palavra *Arcaz*, que é um aumentativo de arca, no caso, termo empregado para designar o móvel utilizado na guarda dos mapas. Nas fichas, a redução *ARC* vem seguida de três números, que indicam sucessivamente o arcaz, a gaveta e a carta procurada. (FARIA, M. D., 2016: 21 - 22).

### 3.1. Cartografia cearense na Biblioteca Nacional

As cartas cearenses, à frente relacionadas, receberam a respectiva numeração identificadora na Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional, constante de fichas pertinentes. Para melhor entendimento do exame do material consultado, entretanto, neste artigo, as cartas ficaram reunidas em blocos, estes definidos segundo interesses estritamente locais (cearenses), embora interligadas àquela ou outras circunstâncias.

Em decorrência das próprias origens do acervo cartográfico da Biblioteca Nacional, os mapas cearenses do século XVIII ou a ele anteriores são pouco numerosos. O contrário, entretanto, ocorre com as cartas já do século XIX, adiante arroladas no item 3.3., as quais constituem o conjunto que desperta maior atenção. Sem dúvida, essas cartas tanto formam as coleções cearenses mais antigas e mais numerosas, como permitem, ao mesmo tempo, acompanhar as tentativas de executar representações gráficas do território da Capitania com precisão, amparadas pela acolhida de novos processos técnicos de medição e representação. Neste trabalho, porém, os mapas mencionados nos itens pertinentes ao século XX, bem mais recentes, receberam comentários sucintos, às vezes seguidos de ocasionais referências. Constituem coleções publicadas em dias relativamente próximos, resultantes de programas desenvolvidos por repartições federais, em cujas sedes, nacionais e locais, as cartas respectivas podem ser facilmente consultadas.

Cumpre lembrar, mais uma vez, que muitos mapas integrantes do acervo da Biblioteca Nacional também podem ser encontrados, em originais ou cópias, em outras instituições oficiais e em coleções particulares, embora, este artigo não proponha assinalar as coincidências de localização.

### 3.2. Mapas cearenses anteriores ao século XIX.

Como já mencionado, salvo raras exceções, durante o período colonial ou, melhor dito, anteriores ao século XIX, os mapas alusivos ao Brasil sempre foram remetidos ao Reino. Por tal razão, permanecem guardados em Portugal, ainda que boa parte dessa documentação hoje integre os arquivos brasileiros em cópias.

Considerada a soma de todas essas referidas circunstâncias, compreende-se por que a Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional não conta com material cearense vultoso, elaborado naquele período. Na verdade, o acervo constaria de dois mapas que assinalam o ano de 1800, além de um terceiro, que não envolveria propriamente o território cearense.

As cartas mais antigas do Ceará (anteriores ao século XIX) registram apenas o litoral, aliás, muitas vezes inserido em um contexto territorial da "costa leste-oeste". Algumas iniciativas tomadas por mineradores a serviço dos governadores de Pernambuco, porém sem resultados objetivos, resultaram entretanto nas cartas setecentistas de trechos do vale do rio Jaguaribe. (ver mapas ns. 19 e 20, em STUDART, 1924: 189; 2010: 183). Somente nos anos iniciais do século XIX ocorreram as primeiras tentativas de mapear todo o território da Capitania, isto é, o litoral e o interior, este então já devassado.[18] Assim, no início dos anos oitocentos, surgem as primeiras cartas gerais da Capitania, devidas ao sargento-mor naturalista João da Silva Feijó e também a Mariano Gregório do Amaral (este com dados de elaboração discutíveis), mapas em que o contorno do território cearense aparece "achatado".[19]

Como também se pode observar, as cartas mais antigas nem sempre aparecem orientadas para o norte, convenção que se tornou usual, e até obrigatória, depois da segunda metade do século XIX.

- ARC 9-11-42 - 9-11-42
  Capitaniae de Cirii et Pernambuco.
  *Século XVIII / escala em milhas germânicas = 7,3 cm / grav. 44 x 54 cms. Col. B. Ottoni.*

Carta do litoral entre Pernambuco e o Recôncavo baiano, sem data precisa, com autoria desconhecida. Apesar de arquivada nas pastas cearenses, não cobre o Ceará. Talvez se refira a Sergipe, para cujo acervo cartográfico pode ter sido remanejada.

[18] O mapeamento parcial do interior da Capitania já fora tentado em meados do século XVIII por José Coutinho dos Santos (1753) e por Jeronymo Mendes da Paz (1754), nomes ligados a projetos de mineração de interesse do Governo de Pernambuco. Em período anterior, os trabalhos de medição tornavam-se praticamente inviáveis porque os sertões, ainda não devassados de todo, estavam ocupados por tapuias belicosos. Ver do autor, considerações sobre a matéria em *Cartografia cearense no Arquivo Histórico do Exército*. (RIC, 1997: 9-79).

[19] Os mapas levantados e desenhados por Feijó ou por ele delineados e desenhados por terceiros mostram o território cearense "achatado", isto é, diminuídas as dimensões de "profundidade" tomadas ao longo dos meridianos, embora a representação gráfica definida pela faixa marítima reproduza as relações físicas com aproximada correção.

- ARC - 4.6.13 - CEARÁ, (Figura 1)
  1800.João da Silva Feijó.
  *Carta Topografica / do Seará á mina do Salpetra, / descoberta / no Sitio da Tatajuba, na distª/ de 55 legoas da Villa da Fortaleza / por J. S. Feijó / 1800.*

Esta carta se inscreve no ciclo das tentativas de mineração na Capitania, iniciado com Pero Coelho de Sousa (mapa 1, da coleção Studart), no limiar do século XVII, e continuado ao longo do século XVIII. Mostra o caminho de acesso à mina de salitre do Salpetra, tendo como ponto de partida a vila da Fortaleza. O salitre tinha emprego na fabricação da pólvora e a mina estava situada no atual município de Santa Quitéria, além da serra do Machado.

João da Silva Feijó (Rio de Janeiro, 1760 - Rio de Janeiro, 1824) era sargento-mor de milícias, diplomado pela Universidade de Coimbra. Veio para o Ceará em 1799 com o Governador Bernardo Manoel de Vasconcellos, tendo permanecido na Capitania até 1817. Dedicou-se à cartografia e a pesquisas mineralógicas e botânicas. Feijó elaborou mapas do Ceará (preservados no AHEx) e escreveu *memórias* pertinentes à exploração mineral - minas de ferro e ouro - e à criação de gado lanígero (republicadas recentemente). Doou faixa de terreno de sua propriedade para tomada de água necessária à instalação do primeiro chafariz da Vila e, provavelmente, construiu o primeiro sobrado fortalezense.

Sobre o mapa do acesso à mina do Salpetra, elaborado por Feijó, há comentários do Barão de Studart e também referências de respeitadas figuras da historiografia cearense, entre as quais se nomeiam Álvaro de Alencar[20] e Paulino Nogueira[21].

Ver carta sob nº 25 na coleção Studart (1924:192; 2010:185).

---

[20] "Tatajuba: - Lugar no Termo de Santa-Quiteria, onde existem minas abundantes de salitre. / Em 1800 o naturalista Dr. Silva Feijó por ordem regia fundou ahi uma officina para refinar o salitre, e funccionou três annos, diz Pompeu, apurando 400 arrobas." (ALENCAR, A. G., 1903: 347-348).

[21] "TATAJUBA (*maclusa tinctoria*): madeira preciosa de tinturaria. (...) *Tatajuba* logar em Santa Quitéria, onde o naturalista João da Silva Feijó, de [por] ordem regia, estabeleceu uma officina para refinar salitre, aproximadamente 400 arrobas, que colheu de uma mina em 3 annos. Pompêo, *Dic Top.* Da mina há uma planta topographica. – *Ety* .: - corruptela de *itá* pedra e também páu duro e *juba* amarello; Martius, de que se extrae tinta amarella, com do pau Brasil – a encarnada." (NOGUEIRA, 1887: 413).

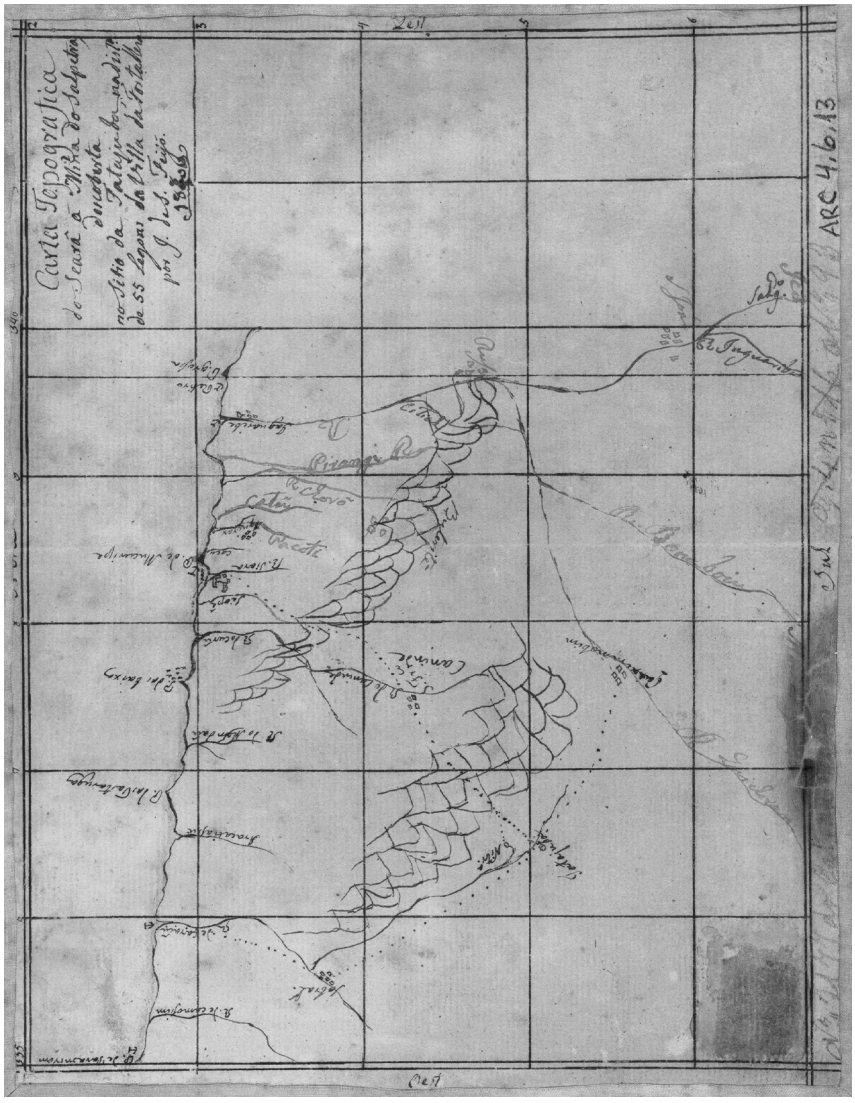


Figura 1. João da Silva Feijó. Carta topographica do Seara [Fortaleza] à mina do Salpetra.

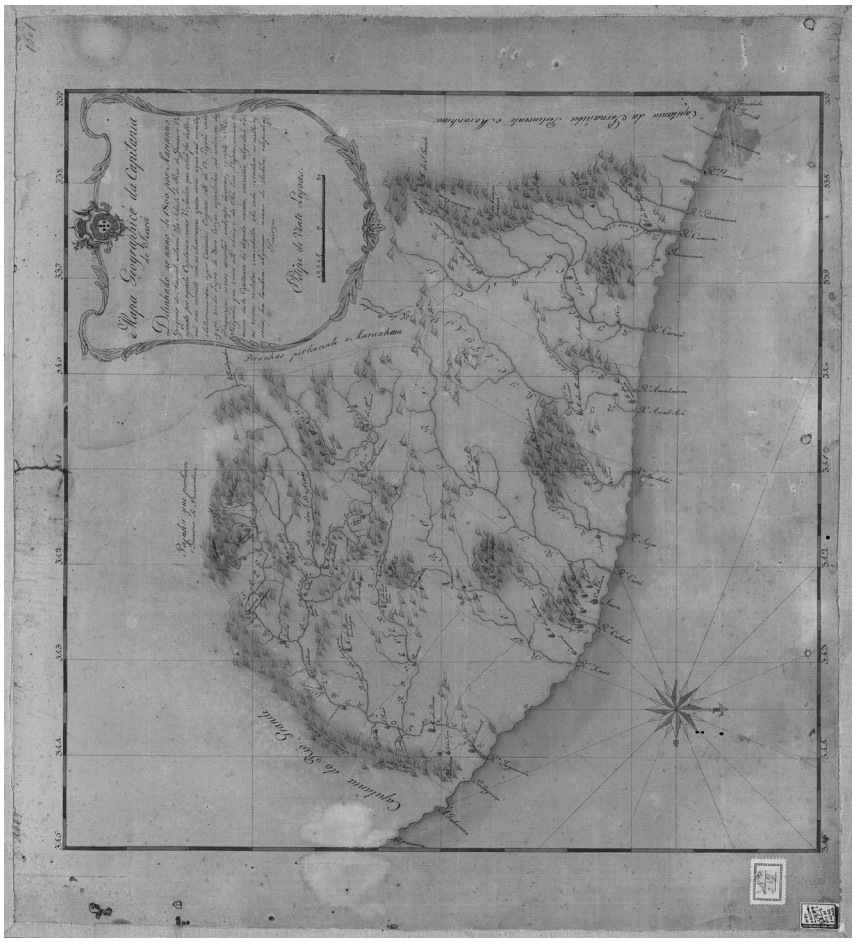


Figura 2. Mariano Gregorio do Amaral. Mapa geographico da Capitania do Siará.

- ARC - 025.02 009 - CEARÁ (Figura 2)
  Amaral, Marianno Gregorio do
  *Mapa Geographico da Capitania / do Siará.*

O mapa de Mariano Amaral, ora integrante do acervo da Biblioteca Nacional, não foi encontrado pelo autor deste artigo em nenhum dos arquivos cartográficos do Rio de Janeiro, quando de pesquisas realizadas anteriormente. Desconhece-se a que autoridade foi remetido, além de que não aparece relacionado entre as cartas expostas da Exposição de História do Brasil de 1881, embora estivesse incluído pelo Barão de Studart na lista de sua desaparecida coleção como mapa nº 22. (1924: 191; 2010: 185).

A fim de se fazer melhor ideia do desencontro de informações, transcreve-se o longo texto incluído por Amaral na cartela do mapa:

> *Delinhado no anno de 1800 por Marianno Gregorio do Amaral, natural da Sidade do Rio de Janeiro. Via / jando por aquela Capitania como Vizitador que então foi della, / não vai correito com as observações e pelos erros aque estão sujeitas / a determinarem-se por Calculos; Os graos* são de 18. *Legoas cada / grao. E cada Legoa de 3000 toezas: os pontinhos são as / divizões das Freguezias; os rios se cortam em tempo deverão, excepto o Rio / Salgado, que corre até abaixo do Icó tresLegoas; o maior Comercio desta Capitania hé de gado vacum, ecavalar, algodão, bons coiros cortidos e com cabello e He onde se curtem as melhores / solas; ha tambem algumas minas de Salitre ede pedras / Preciozas. / Petipe de Vinte Legoas.*

As palavras de Amaral levantam contradições ou talvez até suspeita de declarações falsas, como se busca argumentar:

*a*. Amaral apresenta-se na cartela do mapa como "vizitador" da Capitania do Ceará ("que então foi della"), atividade de clérigo, a qual, no caso, seria exercida para atendimento a solicitações do bispado de Olinda (o bispado do Ceará seria criado meio século depois, em 1854, e instalado, de fato, em 1861). A relação das paróquias da Capitania e seus limites, mostrada no mapa, constitui um conjunto de informações de interesse unicamente eclesiástico, com eventual utilidade administrativa ou civil, e que somente poderiam ser obtidas com o cruzamento de indicações prévias, fornecidas por fonte episcopal. Como dado contraditório às suas

declarações, Amaral não consta da relação dos clérigos que estiveram no Ceará como visitadores da Diocese de Olinda, em atividade no longo período transcorrido entre 1726 e 1861. Em dias próximos a 1800 (ano mencionado na carta), entre 1793 e 1800, foi visitador o padre José Saldanha Marinho. Entre 1800 e 1802, o padre José de Almeida Machado.

*b*. Amaral não poderia percorrer o território cearense em missão oficial de interesse da administração real, uma vez que não integrava a equipe de auxiliares trazidos na ocasião por Bernardo Manuel de Vasconcellos, 1º governador da Capitania entre 1799 e 1803, ano este quando faleceu, no exercício do cargo. Muitos dos profissionais vindos de Portugal com Vasconcellos ou por seu convite, quase todos permaneceram demoradamente no Ceará ou se radicaram na terra de adoção. Compõem grupo respeitado por suas atividades, alguns dos quais reverenciados na toponímia urbana fortalezense, como o já mencionado naturalista João da Silva Feijó. Ainda que viajasse por interesse dos governadores de Pernambuco, Amaral teria de se apresentar obrigatoriamente ao titular da Capitania do Ceará, o que não ocorreu.

*c.* Amaral não está citado pelo Barão de Studart em *Figuras do Ceará Colonial*, numeroso rol de pessoas que visitaram ou permaneceram na Capitania em missões definidas. Como se disse, a única menção a Amaral, feita por Studart, aliás, lacônica, correlaciona-se com o mapa arrolado em seus arquivos sob nº 22, entretanto, sem quaisquer comentários além da citação do nome do autor.

*d.* Amaral não consta do *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Ceará (1618-1832)*, organizado sob patrocínio do Ministério da Cultura, publicação que arrola documentos de interesses cearenses guardados no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Também não comparece em relação semelhante, editada pelo governo do Estado de Pernambuco.

*e.* Nos tópicos finais de sua declaração, Amaral faz referência a riquezas naturais do território cearense, matéria absolutamente alheia às atividades de um visitador eclesiástico, aliás, tema desenvolvido pelo já mencionado Feijó, seja como alvo de suas pesquisas de campo**,** exposto em suas *memórias*.

***

Algum tempo depois da "visita" ao Ceará, talvez realizada por conta própria, talvez em busca de formar currículo, Amaral estava em Lisboa (cidade na qual talvez já tivesse vivido), onde freqüentou, com brilho, os cursos da Academia Real de Fortificação, Arquitetura e Desenho de Lisboa, nos quais obteve prêmio como aluno da "2ª. classe" (2º ano), conforme Resolução de 17 de setembro de 1805, publicada na *Gazeta de Lisboa*, de 27 de setembro do mesmo ano. O prêmio foi-lhe conferido por comissão julgadora de nomeada, entre cujos componentes se encontrava a conhecida figura de José da Costa e Silva (1747-1819), arquiteto de formação neoclássica, italiana, que se transferiria em 1812 para o Rio de Janeiro, por convite de Dom João VI, a fim de superintender as obras reais, cargo que exercia em Portugal.

Em 1805, Mariano Gregório do Amaral tentou obter de D. João VI, sem êxito, a indicação de seu nome para exercício do cargo de professor de desenho no Seminário de Olinda, pedido em que tenta desqualificar o titular da cadeira, conforme refere o arquiteto professor Clovis Jucá Neto, da Universidade Federal do Ceará, pesquisador interessado na figura do "vizitador"[22]. De acordo com a mesma fonte, voltou a se dirigir ao regente, todavia, solicitando agora nomeação para o cargo de mestre de obras em Pernambuco. Na ocasião, dizia-se casado, com duas filhas. Esta informação faz presumir que Amaral não seria jovem, já que naqueles tempos os homens comumente constituíam família até com mais de 35 anos de idade.

Nada se sabe de posteriores atividades de Amaral após a conclusão do curso na ARFAD. Teria tentado viagem para o Rio de Janeiro, provavelmente sem êxito, pois sua presença não consta dos registros pertinentes**.** Talvez tenha permanecido em Portugal, hipótese que somente se pode confirmar por via de investigações *in loco*. Não se afasta, todavia, a hipótese de que o mapa teria sido desenhado em dias bem mais à frente,

[22] O professor do Seminário de Olinda, desqualificado por Amaral, seria o padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro (1766-1817), o qual, envolvido na Revolução Pernambucana de 1817, teve fim trágico, pois, tomado de desespero, suicidou-se na prisão. Segundo a opinião de Sacramento Blake, Montenegro "dedicou-se á arte do desenho, na qual tornou-se habilissimo", ilustrando os livros de botânica de Arruda Câmara. (BLAKE, 1898, v.4: 35). Foi autor de uma *carta hydrographica do Rio Grande do Norte*, em 1809, e participou, como desenhista, da "*Planta Demonstrativa* da Capitania do Ceará para servir de plano á sua carta topographica, delineada pelo sargento-mor naturalista [João da Silva Feijó]" (BLAKE, 1898, v.4, 50). Essa carta, elaborada em 1809, integra o acervo do AHEx sob nº. 003 / 783 (CASTRO, 1997: 27) e dela havia cópia na coleção Studart, sob nº 31 (STUDART, 1924: 193; 2010: 186).

tal a semelhança que mostra com uma carta de Feijó, elaborada em 1808, além de alusões a assuntos considerados nas *memórias* do sargento-mor, tocantes ao comércio e à produção agropecuária da Capitania, nomeadamente às pesquisas de salitre.

### *3.3.1. A contribuição do Tenente-coronel de Engenheiros Antônio José da Silva Paulet.*

Antônio José da Silva Paulet (Vila Nogueira de Azeitão, 1778 - Porto, 1837) veio para o Brasil como oficial de Marinha em 1808, integrando a comitiva de D. João VI. Amparado em legislação vigente, transferiu-se para o Exército, com a patente de Tenente-coronel de Engenheiros. Nesse posto, chegou para a capitania do Ceará em 1812, como ajudante de ordens do governador, o Coronel de Engenheiros Manuel Ignácio de Sampaio (1779 - 1856), permanecendo até 1820, quando foi designado para servir no Rio Grande do Sul.

Em 1823, logo após a Independência do Brasil, retornou a Portugal, passando a desempenhar missões militares, com destaque durante a Guerra Civil, como comandante do Trem do Ouro (Trem de Artilharia de Lordelo do Ouro), durante o cerco da cidade do Porto (1832-1833). Posteriormente, exerceu atividades civis, sempre no Norte (de Portugal), com maiores solicitações na cidade do Porto e no Minho. Às vésperas de seu falecimento, ocorrido no próprio Quartel do Ouro, recebeu a patente de Brigadeiro do Real Corpo de Engenheiros, com honras de Marechal de Campo, outorgada pela rainha D. Maria II, filha do rei D. Pedro IV, o nosso Imperador Pedro I.

Nos oito anos de permanência no Ceará, Paulet trabalhou intensamente, encarregado de várias obras, com destaque para o Mercado Público, a Alfândega, um chafariz, o mais antigo da Vila, além do projeto e construção da última e atual versão da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Em termos de espaço urbano, propôs o primeiro plano de expansão da Vila, em malha ortogonal, e distinguiu-se na execução de mapas gerais da Capitania, desde sua chegada em 1812 até 1818, à parte a elaboração de cartas locais (Studart refere a elaboração de cinco mapas). Cumpre ressaltar que Paulet organizou as primeiras cartas nas quais a forma territorial do Ceará aparece com representada com aceitável aproximação, fruto da vantagem que levava sobre seus antecessores

por dominar técnicas cartográficas atualizadas. Recorria à geodésia e aos processos de "triangulação", o que lhe permitia realizar registros mais precisos e com maior rapidez.[23]

*3.3.2. Cartas elaboradas por Silva Paulet e reproduzidas ao longo do século XIX por meios mecânicos.*

Conforme referido, muitos mapas de diferentes procedências, com originais confeccionados por via de processos artesanais, seriam impressos posteriormente por meios mecânicos de reprodução (litografia). Explica-se, deste modo, a ampla divulgação das cartas de Paulet, fato comprovado com as inúmeras cópias preservadas em vários arquivos brasileiros, entre as quais aquelas integrantes do acervo da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional. No tocante a posteriores transcrições dos mapas de Paulet por terceiros, a primeira das cópias litografadas talvez tenha sido aquela publicada por Schwarzmann e Martius em 1831 (ARC 9-2-16), adiante referida.

- ARC - 4.10.22 - CEARÁ, 1818.
  Paulet, Antonio José da Silva.
  *Carta da Capitania do Ceará levantada por ordem do governador Manoel Ignacio de Sampaio por (...). / Rio de Janeiro / Lithographia do Archivo Militar, 1818.*
  *Sem escala. 67 x 65 cm (W 41º 15' - W 37º 10' / S 2º 50' - S 7º 55').*
  *Inserto: Planta da Villa de Fortaleza e seu porto; escala gráfica em braças.*

[23] As novas técnicas haviam sido introduzidas em Portugal pelo cartógrafo e matemático italiano Antônio Ciera, nas aulas ministradas no Real Colégio dos Nobres. Antônio Ciera havia sido contratado na Itália a fim de participar das "comissões de demarcação", organizadas para determinar os limites do território brasileiro com as terras espanholas, ocupadas além das fronteiras definidas pelo meridiano de Tordesilhas (48º 30' W Greenwich). A invasão, por luso-brasileiros, de área amplíssima pertencente à Espanha ocorreu durante o período de união das coroas ibéricas (1580-1640), operação contrabalançada com a ocupação espanhola de territórios adjudicados a Portugal no Oriente (Filipinas, Molucas), pelo mesmo tratado de Tordesilhas. Ciera iniciou suas atividades nas "comissões de demarcação" do Mato Grosso, entre 1752 e 1756, transferindo-se depois para Portugal, onde se dedicou ao ensino no Real Colégio dos Nobres e na Universidade de Coimbra. Os métodos de Ciera, acatados no Reino, foram depois adotados na Academia de Marinha, instituição frequentada por Paulet, que veio a aplicá-los no Ceará.

A indicação *Lithografia do Archivo Militar, 1818* é discutível, uma vez que as cópias litográficas foram introduzidas no Brasil em 1825. O ano deve referir-se à execução manual da carta original pelo próprio Paulet, então servindo no Ceará.

A carta ARC 4.10.22 consta da coleção Studart sob nº 38 (1924: 196; 2010: 189), aliás, a única que oferece condições de análise comparativa. As demais fichas das cartas de Paulet, pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional, nem sempre transcrevem as legendas na íntegra, algumas delas sob a referência *Mucuripe.* Não há, portanto, como cotejá-las com os dizeres da coleção Studart, que contava com cinco mapas gerais do Ceará, como já assinalado, além de um levantamento de termos de vilas, trabalhos todos executados por Paulet.

- ARC - 7.7.5 - CEARÁ, 1818
  Paulet, Antonio José da Silva.
  *Carta da Capitania do Ceará levantada por ordem do Governador Manuel Ignácio de Sampaio por(....). Rio de Janeiro / Lith. do Archivo Militar, 1818.*
  *Sem escala. 67 x 65 cm (W 41º 15'- W 37º 10'/ S 2º 50'- S 7º55').*
  *Inserto: Planta da villa de Fortaleza e seu porto, escala graphicaem braças.*

Carta semelhante à anterior. São duas cópias da mesma origem, todavia, com fichas diferentes.

- ARC - 9-2-16 - CEARÁ, 1831.
  Paulet, Antonio José da Silva.
  *Carte géographique de Ceará, province de l'Empire du Brésil, redigié d'après une carte manuscrite levée em 1817, par ordre du governeur Manoel Joaquim* [sic] *de Sampaio par (...) et d'après lês observations et les cartes maritimes du Bon [Baron de] Roussin par Mr. J. Schwarzmann e Mr. Le chev.*
  *De Martius. 1831. Rio de Janeiro, Arch. Militar, 1886.*
  [cópia fotográfica da litografia].

  Na cartela: *Plano do porto e da cidade da Fortaleza ou Ceará. Cópia do original pelo major d'engenheiros Alfredo Carlos Muller de Campos. Arch. Militar, 1886.*

Esta carta de Paulet não é apenas a mais divulgada, mas talvez a primeira entre aquelas reproduzidas por processos mecânicos. Cita a data do mapa original (1817), o ano da primeira transcrição (1831) e o da nova transcrição (1886). Mostra em cartela um plano da cidade da Fortaleza, no qual se evidencia o traçado urbano radial primitivo, caracterizado por suas ligações com o interior da Capitania. Conviria mencionar que a malha em xadrez, uma das futuras características da forma urbana fortalezense, vastamente ampliada desde a segunda metade do século XIX, começou a ser sobreposta ao risco original da Cidade pelo próprio Paulet, em 1812. [24]

- ARC - 4-10-23 - CEARÁ.
  Paulet, Antônio José da Silva.
  *Carta litografada pelo Archivo Militar em 1886 / 18 x 23 cm / Escala 100 braças portuguesas.*

Mais uma cópia do desenho original de Paulet, entretanto, em tamanho reduzido.

- ARC - 4-2-5 – CEARÁ
  Antônio José da Silva Paulet.
  *CEARÁ – mapa do Ceará feito por Paulet a mando de Sampaio. Lith. Arch. Militar – 0,67m 0,65m.[sem data].*

A Biblioteca Nacional possui uma cópia em papel transparente datada de 1818, a qual seria provável cópia manual de uma carta original de Paulet (0,65m x 0,62m.). Apresenta indicações sucintas. A carta está [ou esteve] fora de consulta.

- ARC - 9-2-4 - CEARÁ. [s.d.]
  [Antônio José da Silva Paulet]
  *Carta da Provincia do / Ceará – mappa ms. Aquarellado com uma "Planta da Villa da Fortaleza ou Ceará" em encarte. 0,27m x 0,27m . Coll. Benedicto Ottoni.*

[24] O Arquivo Histórico do Exército possui cópia dessa carta na versão de 1831, sobre a qual o autor deste artigo já fez comentários específicos. (CASTRO, 1997: 33-35). Karl Friedrich von Martius (1794-1868) era o famoso cientista alemão, conhecido estudioso da Botânica brasileira. O barão Albine Roussin (1781-1854), autor de "célebres trabalhos hydrographicos das costas da África e do Brasil (1816-1820)" (STUDART, (1924: 201 ; 2010: 194), tornou-se figura expressiva do almirantado francês.

Realização em sépia, sem data. Carta colorida, apresentando estradas, serras e rios. A cor vermelha mostra-se desbotada e o mar aparece em azul. No encarte, consta a planta da vila da Fortaleza (desenho original de Paulet). Faz referência ao meridiano de Paris, segundo o qual a Vila se encontra situada aproximadamente a 44ºW. As dimensões da prancha fazem supor tratar-se de uma redução. Apesar de não revelar a data, a indicação "Província do Ceará", denominação oficializada em 1821 e posterior à presença de Paulet no Ceará, induz à suposição de que a miniatura foi compilada no período regencial ou já no Segundo Reinado.

*3.3.3. Cartas cearenses do século XIX de variadas procedências.*

Este grupo compreende cartas do território cearense levantadas no transcorrer do século XIX, em bom número, concernentes a instalações portuárias. A implantação de portos norteava um programa desenvolvido pelas autoridades imperiais, em busca de criar condições de fomentar o comércio interno e as transações internacionais do País. A conjuntura apresentava-se favorecida com a aplicação diversificada de capitais em vários empreendimentos, capitais até meados do século empregados no tráfico de escravos. Essa modalidade de negócios, como se sabe, foi suspensa pela Lei Eusébio de Queiroz, aprovada em 1850 e rápida e radicalmente cumprida por ações interventivas da Armada Britânica. Conquanto o Ceará não estivesse propriamente envolvido naquele tipo de aplicações de capitais, ainda assim ganhava benefícios em decorrência da amplitude nacional do programa de redirecionamento econômico.

- ARC - 20-3-25 - CEARÁ, 1832.
  Joaquim Lúcio Araújo.
  *Plano do porto do Ceará. 1832 / (34 x 480 cm).*

Esclarece Studart, em notas referentes à carta nº 58, de sua coleção (1924: 201; 2010: 194), intitulada - "Plano do porto do Ciará levantado pelo primrº. Tenente da Marinha do Brazil, Joaquim Lucio de Araujo para mostrar a posição das boias mandadas alli colocar pelo Sr. Joaquim José Roiz Torres Ministro da Marinha. Anno 1832. Lith. do Archivo Militar, Rio de Janeiro 1833. Antº. Roiz de Araujo. 0m,345 x 0m,0440."

Studart informa que, além da cópia de sua coleção, havia exemplares da carta na Biblioteca Nacional e no Arquivo Militar, às quais se deve acres-

centar a cópia preservada no Arquivo Nacional, sob a referência 4Y- 226. Quanto à matéria, caberia considerar também as observações do autor deste artigo alusivas ao *Plano* de Araújo (apresentado com longo título), incluídas em comentários dedicados à carta de nº 038, guardada no Arquivo Histórico do Exército. (CASTRO, 1997: 44-46). O termo *plano do porto,* na verdade, refere-se à aparência do porto no levantamento. Não significa projeto.

Joaquim Lúcio Araújo ocupava o posto de 1º tenente da Marinha, portanto, bastante moço quando esteve no Ceará. Reformou-se em 1860 e faleceu em 1884, "com idade provecta". (BLAKE, v. 4, 1898: 182). Portava condecorações brasileiras e títulos honoríficos portugueses. (ver também STUDART, 1924: 201, 2010: 194).

- ARC -018-04-035– Mappa topographico da Comarca do Crato. CEARÁ, 1848. (Figura 3)
  Marcos Antônio de Macedo.
  *Mappa topographico da Comarca do Crato. Provincia do Ceará - indicando a possibilidade de hum canal tirado do rio S. Francisco no lu- / gar da Villa da Boa Vista para communicação com o rio Jaguaribe / pelo riaxo dos Porcos e o rio Salgado, e figurando a planta de huma estrada para o Icó e a / tapagem do rio Salgado por M. A. Macedo.*

O título deste mapa esclarece os seus objetivos. Litografado pelo Arquivo Militar em 1848, consta do acervo do Arquivo Histórico do Exército sob nº 65 e também da coleção Studart, sob nº 61 (1924**:** 202-203 / 2010: 195-196), carta sobre a qual o historiador apresentou comentários, extensivos à pessoa de Marcos Antônio de Macedo (Jaicós / Piauí, 1812 [?] - Würtemberg / Alemanha, 1872). O autor do presente artigo também externou considerações em matéria que escreveu (1997: 69-71), concernente à carta nº 65, do AHEx, na qual acrescenta que Macedo, diplomado por Olinda, ocupou elevados cargos políticos e administrativos, bem como publicou *memórias* sobre a carnaúba, as secas, as águas e o solo do Crato, cidade à qual se ligava por origens familiares (nascera circunstancialmente no Piauí). Segundo Macedo, as primeiras propostas de unir, por canal, o rio São Francisco ao rio Jaguaribe, deviam-se a um frade carmelita, que andara pela região entre 1818 e 1820. Como se vê, o projeto, ainda hoje não realizado, anda à véspera de completar dois séculos!...

- ARC -9-2-37 - CEARÁ, 1849.
  Villiers de l'Ille Adam, J.
  *Carta topographica e administrativa da provincia do Ceará erigida sobre os documentos mais modernos pelo Vcde. [Visconde] de J. de Villiers de l'Ille Adam, gravado na Lithographia de Vt. Larée (...). Rio de Janeiro: Garnier Irmãos, 1849. / Escala grafica de petipé de 20 legoas ao grao.*[25] /
  *46 x 57 cm (W 41º 15'- W37º10'/ S 2º 50'- S 7º45' – S 8º10').*

J. [Joseph] Villiers de l'Ille Adam demorou-se no Brasil em meados do século XIX, organizando e publicando atlas formados por cartas regionais litografadas, embora, ao quanto se saiba, não preparadas por meio de levantamentos executados pelo próprio visconde. A omissão do nome de l'Ille Adam por Studart, entre os estrangeiros ilustres que visitaram o Ceará, fortalece a suposição de que o visconde não conheceu a Província. Viajante rico e cartógrafo *dilettante*, esbanjando fortuna pessoal, faria compilação de documentos gráficos elaborados por terceiros. O mapa do Ceará, que mostra muito deformado o trecho limítrofe com o Piauí, correspondente à serra da Ibiapaba, participa de um conjunto de mapas coloridos, então já editados com intenções comerciais. Na coleção Studart, aparece como carta sob nº 63 (1924: 203; 2010: 196).

- ARC - 7-1-1 – CEARÁ, 1849.
  Villiers de l'Ille Adam, J.
  *Carta topographica e administrativa da provincia do Ceara erigida sobre os documentos mais modernos pelo Vcde. J. de Villiers de l'Ille Adam, gravada na lithografia Imperial de Vt. Larée.... Rio de Janeiro: Firmin Didot Irmãos,*
  *Belin Le Prieur e Morizot, 1849.*
  *Escala graphica de petipé de 20 legoas ao grao / 46 x 57 cm. / (W 41º 15'- W 37º 10'/ S 2º 50'- S 7º55'.*

[25] Zake Tacla explica: "Petipé s.m. [ETIM. T. tecn. emp. até fins do sec. XIX, depois substituído p. *escala*, do fr. *petit-pied*, "escala do desenho". // 1680. Ct. BLUTEAU s. v. petipê]". (TACLA. 1984: 340). Quanto a léguas, conviria dividi-las em léguas de sesmaria (terrestres), com 6.600 metros (no Brasil), e em léguas marítimas, cujo comprimento variava conforme a relação angular adotada. Adam recorreu aos padrões franceses ditos de 20 léguas ao grau, que consideram a légua marítima como correspondente a 5.555 metros. Assim, o grau da circunferência terrestre medido no equador equivaleria a 111,10 kms, praticamente igual à medida verdadeira, de 111,32 kms.

A legenda repete literalmente a carta anterior nas dimensões, nos desenhos, nos títulos e nas legendas. Embora assinale ter sido "gravada na lithografia Imperial de Vt. Larée (...) Rio de Janeiro", foitodaviaeditada, em local desconhecido, por "Firmin Didot Irmãos, Belin Le Prieur e Morizot, 1849." A escala gráfica, "de petipé de 20 léguas ao grao", é a mesma em ambas as cartas. Constavam sob ns. 62 e 63 na coleção Studart. (1924: 203; 210: 196)

- ARC 4-5-8 - CEARÁ, 1861. (Figura 4)
  Pedro Théberge
  *Carta Chorographica da Provincia do Ceará com divisão Ecclesiastica, e Indicação civil e Judiciaria até hoje organizada pelo Dr. P. Théberge. 1861. / 0,759 x 0,597. /*
  *Original a aquarella / Exp. S. M. o Imperador.*

Organizada por Pedro Théberge[26], apresenta letras manuscritas. As freguesias aparecem separadas em vermelho. A legenda consta de Cidades / Comarcas, Villas-comarca / Villas-termo, Districto, Povoado, Matriz, Fazenda, Arraial / Ancoradouro. A forma da Província é relativamente semelhante às representações atuais. Cita a serra dos Orós, íntima do organizador, que morava no Icó. No *Catálogo* da *Exposição de História do Brasil*, de 1881, esta carta, exibida com anuência do Imperador, a quem. teria sido oferecida, sem dúvida, pertencente à Coleção [da Imperatriz] D. Thereza Christina Maria. Na coleção Studart, a carta de Théberge recebeu o n º71 (1924: 206; 2010: 198-199).

- ARC - 28-11-30 - CEARÁ (MUCURIPE) – 1864.
  Guillobel, J. C.
  *Rio de Janeiro, Lithographia Imperial do Instituto Artistico. Plano do ancoradouro do Mucuripe na província do Ceará, levantada e desenhado pelo guarda-marinha J. C. Guillobel.*

[26] Pedro Théberge (Marcé / França, 1811 – Icó / CE, 1864), francês, naturalizado brasileiro. Doutor em Medicina e Bacharel em Literatura (títulos franceses), transferiu-se para o Brasil. Após curta permanência no Recife, mudou-se para o Ceará em 1845, radicando-se no Icó, acompanhado da esposa, Élise, e do filho, Henrique, brasileiro. (STUDART, 1918: 203-204). À parte atividades médicas, Théberge desenvolveu intensa vida cultural e social naquela cidade. Escreveu uma *História do Ceará* (publicação póstuma, 1895) e dedicou-se ocasionalmente à Arquitetura, com relevo no projeto do teatro da cidade do Icó (1860), obra de desenho neoclássico sob influência paladiana, bem como teria intervindo nas obras de expansão do prédio da Casa de Câmara e Cadeia local, tratada com motivos neogóticos. O mapa de Théberge (0,76m X 0,60m) participava em cópia da coleção Studart sob nº 71 (1924: 206; 2010: 198-199).

Pouco se sabe das origens do "plano do ancoradouro do Mucuripe", além de que rareiam notícias devidamente comprovadas sobre o *guarda-marinha J. C. Guillobel.* Informações coincidentes fazem crer que sechamaria Joaquim Cândido Guillobel (Lisboa, 1787 - Rio de Janeiro, 1859), adolescente português, chegado ao Brasil com sua família, em 1808, integrantes da comitiva de D. João VI. Radicado no Brasil, tornou-se militar,ocupando em 1811 o posto de 1º tenente do Imperial Corpo de Engenheirose desenhista do Arquivo Militar. Entre 1819 e 1821, permaneceu no Maranhão, executando levantamentos e desenhos de sua especialidade, ocasião quando teria visitado o Ceará e elaborado o "plano do ancoradouro do Mucuripe".

A condição declarada de guarda-marinha leva à suposição de que Guillobel era então muito jovem, no começo de sua vida militar, quando andou pelo Maranhão e pelo Ceará. De volta ao Rio de Janeiro, já com 30 anos, Guillobel, pintor e cartógrafo, matriculou-se em 1827 na recentemente criada Academia Imperial de Belas Artes. Diplomou-se em Arquitetura, profissão civil exercida com renome, uma vez que participou dos projetos de várias obras neoclássicas de elevado prestígio nacional, entre as quais a Santa Casa e o Hospício de Alienados D. Pedro II (hoje pertencente à UFRJ), no Rio de Janeiro, e o Paço (atual Museu) Imperial em Petrópolis. (BARATA, M., 1983, v.1: 394).

O falecimento do arquiteto Guillobel (às vezes escrito Guilhobel) em 1859 eliminaria a condição de ser autor de um trabalho executado em 1864. Esta última referência temporal, na verdade, corresponderia ao ano de impressão da litografia, bem posterior à execução do levantamento do "plano do ancoradouro do Mucuripe", verificada entre 1819 e 1821. Com efeito, o desenho constitui um levantamento do litoral da enseada, com indicação Meireles (topônimo muito antigo, de procedência desconhecida, aliás, já citado em mapas anteriores). Mostra também ocupação humana ao longo da praia, sem dúvida, moradas de pescadores.[27]

[27] Nenhum dos ilustres descendentes de Guillobel acompanhou-o em suas atividades profissionais de cartógrafo e arquiteto.

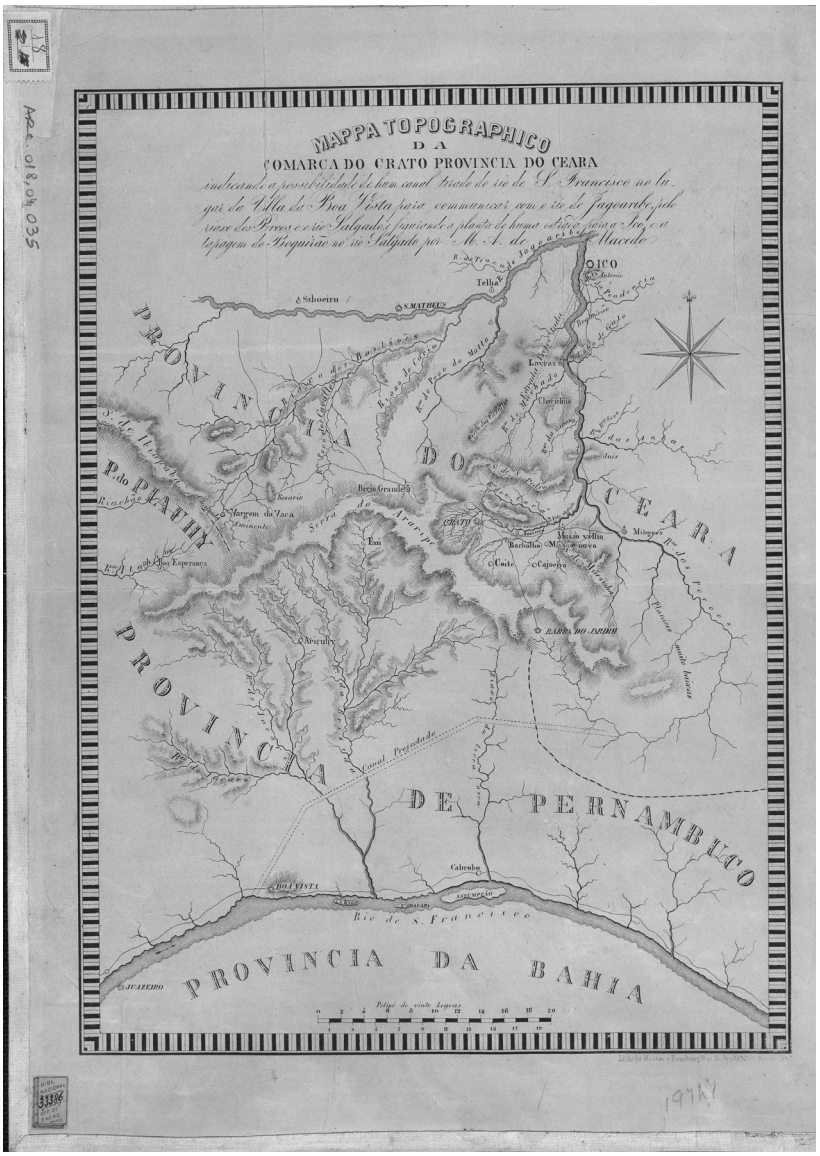


Figura 3. Marcos Antônio de Macedo. Mappa Topographico da Comarca do Crato indicando a possibilidade de hum canal tirado do rio S. Francisco (...).

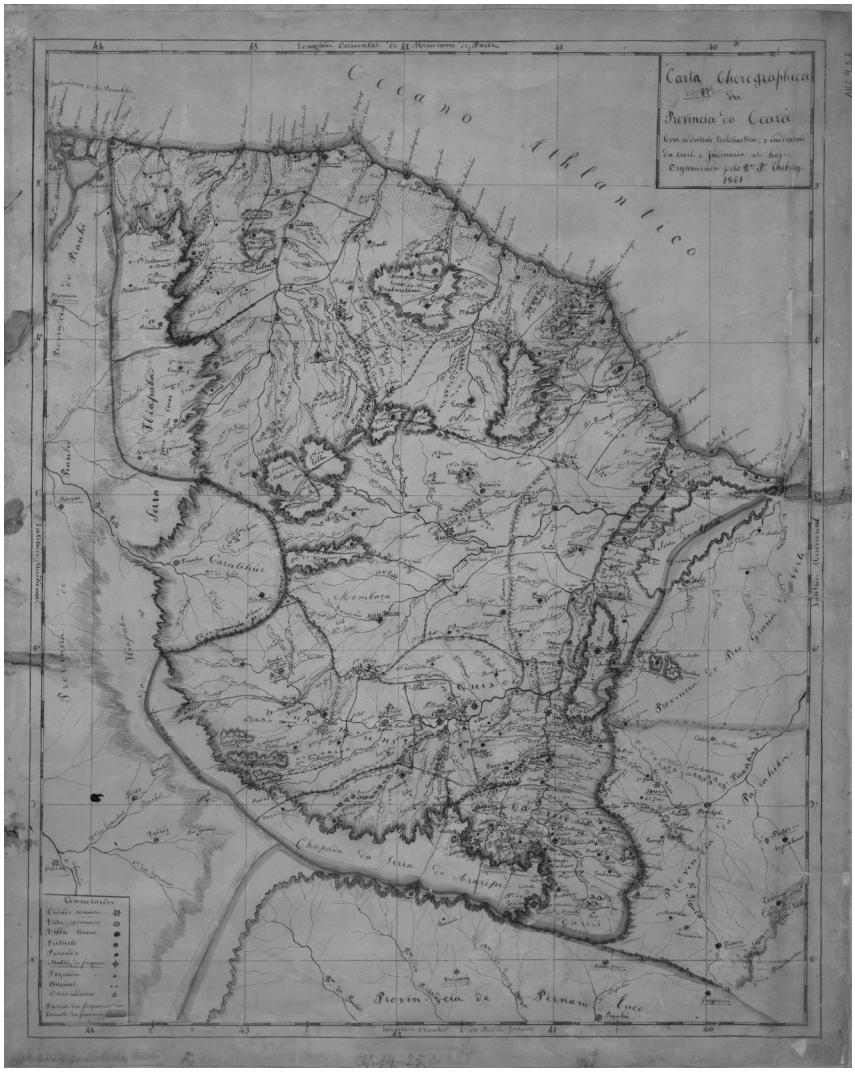


Figura 4. Pedro Théberge. Carta Chorographica da Província do Ceará com divisão Ecclesiastica, e Indicação Civil e Judiciária (...).

A propósito de "plano do ancoradouro do Mucuripe", de que havia na coleção Studart uma cópia sob nº 77 (1924: 208-209; 2010: 200), e de planos semelhantes, litografados em meados do século XIX, diga-se que traduziriam esforços do governo imperial em busca de solucionar problemas portuários nacionais, conforme ações mencionadas na abertura deste item. A litografia do "plano do ancoradouro no Mucuripe", de Guillobel, por certo manteria correlação com uma proposta pouco depois oferecida pelos engenheiros Zózimo Barroso e James Foster, por meio da qual obtiveram em 1866 o privilégio de melhorar e explorar o porto do Mucuripe por 50 anos, cuja distância à Cidade ficaria vencida por uma ferrovia. (TELLES, 1984: 278). Quando das pesquisas efetuadas no acervo da Biblioteca Nacional, o autor não encontrou informações alusivas à concessão do empreendimento, mas deparou, no Arquivo Nacional, cópia de planta pertinente ao projeto de Barroso e Foster (FZ MAP 144 FL 12), o último dos quais "viveu por longos anos em Fortaleza." (STUDART, 1920: 354). As obras, ora referidas, programadas para o porto do Mucuripe, todavia, nem sequer se iniciaram, pois Studart assegura que "essa comissão não vingou" (t.34, 1920: 354). Barroso, em 1870, agora associado a outro engenheiro inglês, Charles Neate, apresentaria novo projeto portuário, entretanto, localizado na frente da Cidade (ver adiante a carta ARC 26-7-12).

- ARC - 2-8-9 / 2-3-4-5-6-7-12 CEARÁ. Fortaleza, 1866.
  Francisco Antônio Pimenta Bueno.
  *Esboço de planta geral do porto do Ceará acompanhado de outras plantas sobre curvas de marés, secções transversais e sondagens do porto (...) do quebra mar e viaductoetc por Francisco Antonio Pimenta Bueno. Doze fls.*
  *Mss. sd. (Coll. Pimenta Bueno)* – [incompleto].

Francisco Antônio Pimenta Bueno (Cuiabá, 1836 – Rio de Janeiro, 1888), militar e engenheiro, tem nome ligado ao desbravamento das terras do noroeste do Mato Grosso e Rondônia, região em que é homenageado com o nome de um rio. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, administrador público, foi condecorado por sua ação na Guerra do Paraguai. Envolvido com ferrovias e navegação, participou do grupo de

engenheiros, na ocasião, interessados no "porto do Ceará", isto é, com solução proposta para local fronteiro à cidade. Mapas da coleção Pimenta Bueno integram o acerco cartográfico da Biblioteca Nacional.[28]

Quanto aos desenhos, o Barão de Studart assim alude aos exemplares de sua coleção, sob nº 81 e 82, respectivamente intitulados: *Esboço da Planta do Porto da Fortaleza* e *Futuro Porto da Fortaleza (visto do mar para a terra)*. Ao que acrescenta: "Esses dous Mappas, a côres e a bico de penna, appensos a um trabalho do citado Engenheiro [Pimenta Bueno] sob o título *Memoria sobre o Porto do Ceará ou Estudo para a construcção de uma doca de embarque e desembarque na Província do Ceará,* (de 30 de março de 1869), pertenciam à Bibliotheca de S. M. o Imperador". (STUDART, 1924: 209; 2010: 201).

- ARC 28-11-7 - CEARÁ (Barra?), 1867.
  Ernest Barthélémy Mouchez.
  *France -.Dépôt des Cartes et Plans de la Marine. Plan de la rade de Ceará (Brésil) lévé par M. F. Mouchez... / Paris / Lemercier et Cie, 1867. /*
  *Escala gráfica de 2 milhas. Col. Benedicto Ottoni.*

Amadée Ernest Barthélémy Mouchez (Madrid 1821 – Paris 1892). Filho de pais franceses, estudou na École Navale de Brest. Astrônomo, Mouchez fez levantamentos da costa brasileira, transcritos em cartas confiáveis e prestigiosas, aliás, adotadas pelo Almirantado Britânico. O Arquivo Nacional possui cópia do mapa ora comentado. (FL MAP 247). Studart cita várias outras cartas de Mouchez, aliás, reeditadas em 1888, embora não se refira diretamente à ARC 28-11-7. Informações sobre Mouchez ("ilustre marinheiro e astronomo francês"), em STUDART, 1918: 209-210, bem como em CASTRO, 1997: 38.

[28] Conjunto de mapas em péssimo estado de conservação, que estão ou estiveram fora de consulta. Deverá ser [ou foi] restaurado. Originalmente, os mapas estavam apensos a um documento intitulado "Memoria sobre o porto do Ceará, ou estudo para construcção de uma doca de embarque e desembarque na Provincia do Ceará. Ao ex-Imperador pertencia o autographo, acompanhado de um esboço do porto de Fortaleza (...)".(BLAKE, v. 2 [1893]; 1970: 397-399). À parte os exemplares da coleção Studart, provavelmente foram extraídas duas cópias do jogo de cartas: uma delas, oferecida ao Imperador, e outra, ora mencionada, pertencente ao próprio Pimenta Bueno, doada à Biblioteca Nacional, conjuntamente com mais cartas.

- ARC 26-7-12 - CEARÁ, 1870. (Figura 5)
  Charles Neate
  *Charles Neate / impressa por Metchim & Son, London / 1870 / 46 x 69 cm (foi remetida conjuntamente com um relatório).*

Charles Neate era um engenheiro inglês contratado pelo governo imperial com a missão de efetuar estudos portuários no Brasil. O projeto ora citado deve ter sido elaborado no Rio de Janeiro, em parceria com Zózimo Barroso, engenheiro cearense, que disporia de elementos locais básicos para exame do problema. A suposição apóia-se no fato de Neate não figurar entre os estrangeiros ilustres que visitaram o Ceará, citados por Studart. (STUDART, 1918, passim). Neate e Barroso[29] propunham a construção de um quebra-mar sobre o recife, à guisa de molhe, com comprimento de 400 metros, ligado a um cais de 150 metros, utilizável por vapores. Entre esse cais e o litoral, paralelamente, haveria outro cais de 300 metros para navios a vela e um viaduto de ligação do quebra-mar aos dois cais. Essa indicação de "um outro cais paralelo", todavia não parece clara, pois o desenho mostra um *pier*, relativamente curto, perpendicular ao cais principal. As obras estavam orçadas em 176.000 libras. (TELLES, 1984: 278).[30] Na ocasião, cabe lembrar que soluções para "o porto do Ceará" despertaram interesse de vários projetistas. A proposta de Neate & Barroso constava da coleção Studart sob nº. 90. (1924: 211; 2010: 203).

[29] Charles Neate aparece mencionado várias vezes na *História da Engenharia no Brasil*, de Pedro Carlos da Silva Telles (TELLES, 1984: passim). Ativo no Brasil desde meados do século XIX, participou inicialmente de projetos ferroviários, mas logo depois se envolveu em assuntos portuários, com obras no Rio de Janeiro, contratadas com o governo imperial. Zózimo Bráulio Barroso (Aracati, 1839 – Lausanne / Suíça, 1920), já referido anteriormente, era um engenheiro cearense ligado a projetos portuários. Figura de prestígio profissional no Rio de Janeiro, Barroso portava o título de Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial. (STUDART, 1915: 224-226).

[30] Pedro Carlos da Silva Telles cita vários engenheiros interessados no "porto do Ceará", na ocasião. (*id. ib.*: 278). Todos consideravam o aproveitamento do recife como cais acostável, apresentando ligeiras variantes nas soluções. Assim: Francisco Antônio Pereira Bueno sugere elevar o quebra-mar e manda fazer um cais na praia, para uso de passageiros. Paulo José de Oliveira e Francisco Ferreira Borges lembram altear o recife, optando por um cais ao longo do litoral e a abertura de um canal entre o recife e a praia. Coimbra e Kleinhoefer mantêm as mesmas propostas dos anteriores e pedem acrescentar mais 300 metros de cais na praia e construir molhes para serviços de carga e passageiros, serviços orçados em 225.000 libras. Na indicação do nome Francisco Antônio *Pereira* Bueno, deve ter ocorrido engano de Silva Telles. Seria Francisco Antônio *Pimenta Bueno* (citado anteriormente em ARC 2-8-9 / 2-3-4-5-6-7-12).

- ARC - 18-7-37 - CEARÁ – COSTA, 1873.
  *Estados Unidos. Hydrographic Office / South America East Coast. Coast of Brazil from Barra Velha d'Iguaruçu to Barra Aracati Açu from survey of capt. E. Mouches (....). Washington, 1893. 0,605 x 0,895 cm. Col. Preiss.*

Esta carta (entelada) reproduz os levantamentos efetuados pelo almirante Mouchez, já mencionado. Igaraçu é uma das bocas do delta do rio Parnaíba, no Piauí. Aracatiaçu fica no litoral norte do Ceará. A Coleção Preiss é uma daquelas doadas ou adquiridas pela Biblioteca Nacional.

- ARC 3-8-18 - CEARÁ, 1875.
  John Hawkshaw.
  *Sir John Hawkshaw / litografada por Thomas Kell, London / 1875 / (0,62 x 0,95 m.).*

Em *Estrangeiros e Ceará* (1918: 219-220), Studart menciona a figura do "illustre scientista inglês", o engenheiro Sir John Hawkshaw (1811-1891), destacando-o entre os que visitaram a Cidade em 1874 e 1875, com encomiásticas referências biográficas. Acrescente-se que o plano elaborado por Hawkshaw constava da coleção de Studart sob nº 93. (1924: 212; 2010: 204).

Contratado pelo governo imperial, Hawkshaw apresentou em 1875 um relatório intitulado *Melhoramentos dos portos do Brasil*, de que constam proposições sobre o porto de Fortaleza, transcritas na Revista do Instituto do Ceará (t. 23, 1909: 183-188). No relatório, Hawkshaw elogia o Mucuripe, embora teça algumas considerações em contrário, que o fazem não se interessar pela enseada, sob o argumento de que a "Associação Commercial do Ceará tem toda a razão de opor-se á mudança para o Mucuripe" em face da "distancia". Assim, opina: "Não recommendo a construcção da obra no Mucuripe." (op. cit., 1909: 187).

A proposta de Hawkshaw aproveitava o projeto de Neate & Barroso, fronteiro à cidade, adaptando-o às mudanças físicas ocorridas. Recomendava construir um cais interno no "quebra-mar" (no recife) e um "viaducto aberto fundado em estacas de parafuso, e será construido de blocos de concreto feitos de cimento Portland e de pedra do Mucuripe." "Se o caminho de ferro transportar granito até o litoral por preço razoa-

vel, este material poderá ser utilizado em algumas secções da obra." (p. 187). Hawkshaw afirmava ter feito sondagens que indicavam pontos não encontrados por Neate e Barroso e também alegava modificações no solo: "Convem estabelecer uma linha de trilhos, que ligue o porto ao caminho de ferro de Baturité". O "viaducto" proposto permitiria a passagem das areias tangidas pela maré, conquanto advertisse: "porém, se apesar disso, formem-se depósitos no ancoradouro; nesse caso, dragagens regulares e periódicas darão ao porto a necessária profundidade." O orçamento das obras indicadas no plano importava em 220.000 libras.[31]

- ARC - 4-11-2 - CEARÁ, 1881.
  Antônio Gonçalves da Justa Araújo.
  *Carta Corographica* [sic] *da Provincia do Ceará organizada segundo os documentos existentes sob os auspicios do illustre cearense João Cordeiro pelo Bacharel Antonio Gonçalves da Justa Araujo, 1881*.
  *Copiada por J. Coelho Fonseca Jr.*

Esta carta, atualizada, já apresentava o vale do alto Poti integrado ao Ceará, operação ocorrida havia pouco, em 1880. Fortaleza consta aproximadamente a 4º30' "oriental" do meridiano do Rio de Janeiro e o Ceará ainda aparece com forma "achatada".

Antônio Gonçalves da Justa Araújo era engenheiro civil, mas se apresentava como "Bacharel". O título completo - *Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas*, de que Justa Araújo se honrava, era conferido

[31] Sir John Hawkshaw era nome respeitado na engenharia britânica, em particular nos trabalhos de portos e canais. Fez parte da comissão julgadora dos anteprojetos apresentados para construção dos pavilhões da *Great Exhibition* de Londres, em 1851, a famosa exposição internacional, edifício executado segundo projeto de Joseph Paxton, em estrutura metálica pré-fabricada e vidro, conhecido como *Crystal Palace*, obra de grande repercussão na Arquitetura do século XIX. Na solução oferecida para o porto de Fortaleza, Hawkshaw recomendava o emprego de materiais atualizados, como o concreto [simples] e o cimento Portland. Aceitava "a pedra do Mucuripe" (arenito avermelhado), enquanto não se contasse como granito, posteriormente explorado na Munguba, cujas pedreiras haviam ficado ao alcance dos trilhos da E. F. Baturité, inaugurada dois anos antes. O viaduto de acesso ferroviário ao cais foi posteriormente substituído por uma muralha que desviou as correntes marinhas e assoreou a bacia de atracação,formando o Poço da Draga, hoje aterrado e apropriado para uso particular lucrativo, desaconselhado para o local, além de socialmente deteriorado. O quebra-mar Hawkshaw, cais inútil, abandonado por longo tempo, era conhecido pelos banhistas frequentadores da desaparecida praia Formosa como "Paredão".

aos alunos diplomados com destaque nos cursos de engenharia da Escola Central da Corte. Profissional ativo na segunda metade do século XIX, no Ceará e na Paraíba, onde faleceu, dedicou-se a tarefas diversificadas. Entre outras, assinalam-se a demarcação de terras de índios (nas duas províncias), projeto de um elevador na serra de Baturité (a fim de descer sacaria de café), concessão de um serviço de navegação fluvial no rio Jaguaribe, entre o Aracati e a Passagem das Pedras (Itaiçaba), projeto de um teatro na Capital, além de inúmeras atividades desenvolvidas a serviço da administração provincial e municipal. Nenhum daqueles projetos foi concretizado, mas Justa Araújo construiu a sede do depósito dos Artigos Bellicos, entre 1873 e 1874, e urbanizou a lagoa do Garrote, transformando-a no Parque da Liberdade.[32] O mapa de Justa Araújo estava relacionado sob nº 95 na coleção Studart. (1924: 213 ; 2010: 204 - 205).

- ARC - 13-1-16 - CEARÁ, 1883.
  Claudio Lomellino de Carvalho.
  *Provincia do Ceará organisada e gravada por Claudio Lomellino de Carvalho (...) Rio de Janeiro, Lith. Almeida Marques, 1883. Escala 1:1750.000 – 44 x 32 com (W 41º 30'- W 37º / S 2º 45'- S 8º10').*

O engenheiro Claudio Lomellino de Carvalho foi autor do primeiro atlas brasileiro organizado no período imperial (1873), trabalho republicado em 1882 sob o título *Atlas do Império do Brazil segundo dados officiaes existentes e outros documentos fornecidos pelo Exmo. Sr. Conselheiro barão Homem de Mello, pelo engenheiro Francisco Antonio Pimenta Bueno e pelos mesmos revistos*.

[32] Há desencontros em informações referentes a Justa Araújo. Parte de seu sobrenome (Gonçalves da Justa) liga-o ao Ceará, com origem pacatubana. O Barão de Studart, entretanto, não o incluiu no *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*, certamente por considerá-lo nascido em outra província, ainda que com ancestralidade cearense. Studart conhecia Justa Araújo, pois uma cópia da referida *Carta Corographica* estava arrolada sob nº 95 na coleção de mapas do historiador, que assim se expressa sobre o engenheiro: "O Dr. Justa Araujo foi insigne paisagista", sem dúvida, fazendo alusão aos trabalhos do Parque da Liberdade. (op. cit. [1924: 213] 2010: 204). Outra opinião, contudo, expressam Martins Filho e Raimundo Girão em *O Ceará* (1966: 29), quando citam Justa Araújo como cearense nascido no Acaraú, apresentando-o como "Engenheiro Civil. Notável auxiliar do presidente José Júlio de Albuquerque Barros (Barão de Sobral)", entre 1878 e 1880, durante a terrível seca. Não pairam dúvidas, porém, quanto ao falecimento de Justa Araújo, ocorrido na Paraíba no início de 1893.

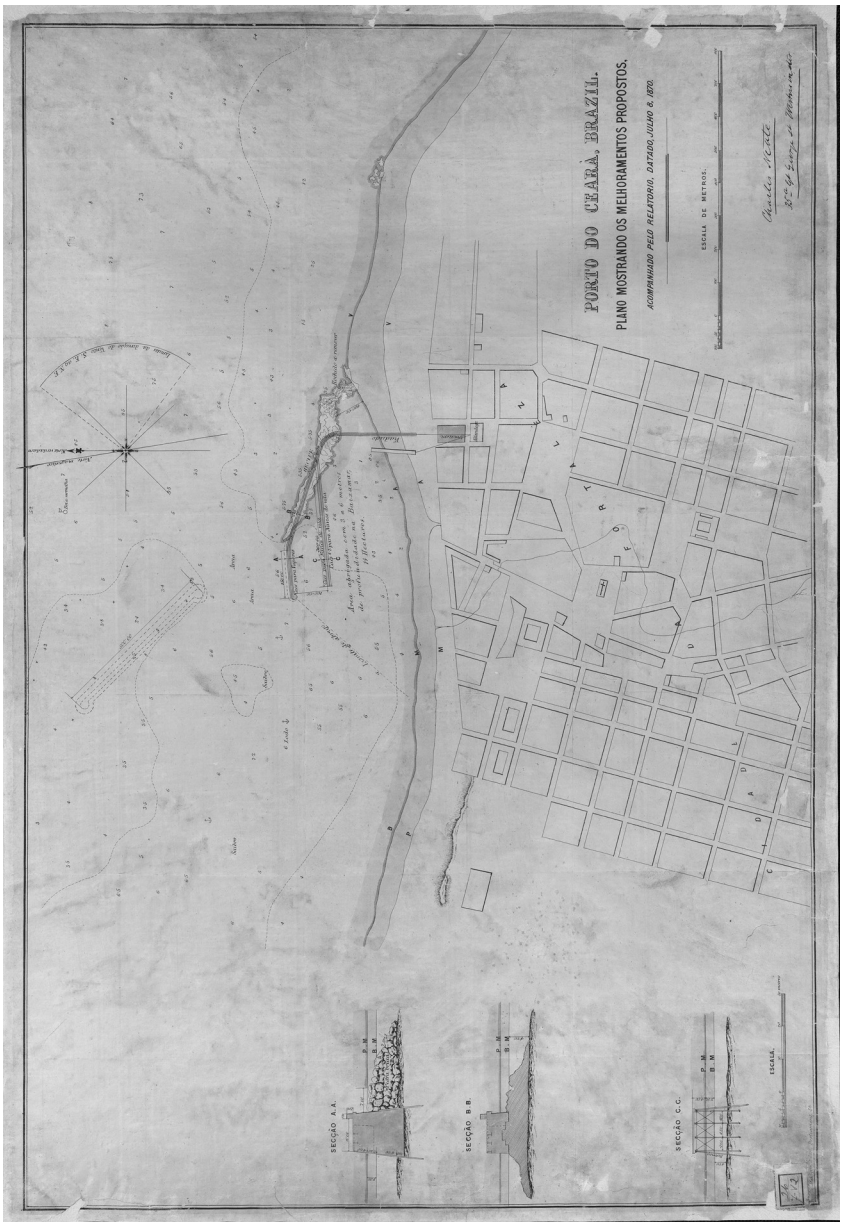


Figura 5. Charles Neate. [Porto do Ceará]. Metchim & Sons. London. 1870.

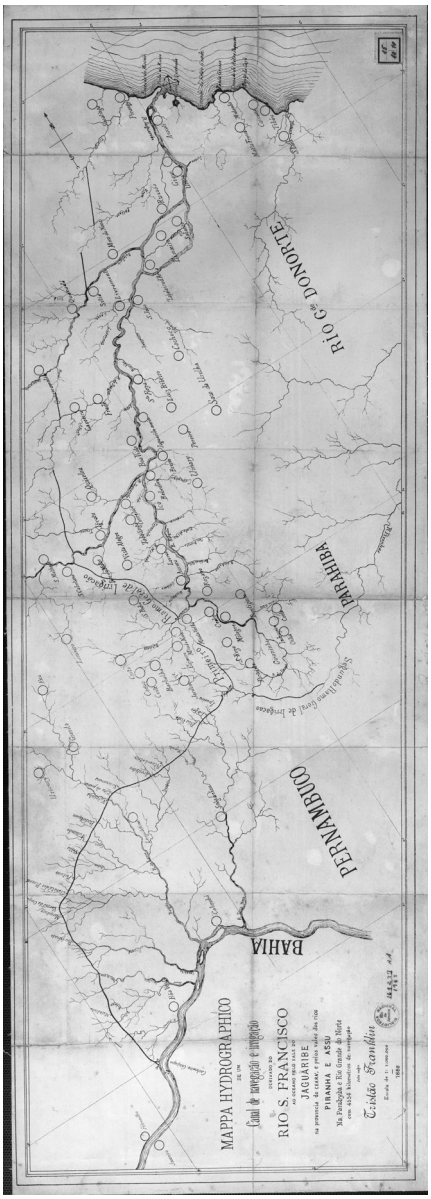


Figura 6. Tristão Franklin de Alencar Araripe. Mappa hydrographico de um canal de Navegação e irrigação derivado do rio São Francisco ao Oceano (...).

Além da carta do Ceará, Lomellino de Carvalho também preparou, pelo menos, uma *Carta da Provincia de Goyaz*, em 1874 e uma *Carta da Provincia de São Paulo*, em 1887, na qual inseriu uma planta da cidade de São Paulo, à época. A carta da *Provincia do Ceará* deve ter sido executada à base de dados oferecidos pelo Barão Homem de Mello, figura ilustre com quem o engenheiro privava. (Ver nota 9).

- ARC - 28-12-1

Há outro exemplar do mesmo mapa em 535.018 – 1979-AA

- ARC - 15-10-10 [CE/RN, PB], 1886. (Figura 6)
  Tristão Franklin de Alencar Araripe.
  *Mappa hydrographico de um canal de navegação e irrigação derivado do rio São Francisco ao Oceano, pelo valle do Jaguaribe, na provincia do Ceará, e pelos valles dos rios Piranha e Assu, na Parahyba e Rio Grande do Norte (...) pelo engenheiro Tristão Franklin.1886.*
  *Esc. 1:1.000.000. / 0,280 x 0,810.*

Tristão Franklin de Alencar Araripe (Fortaleza, 1845 - Rio de Janeiro, 1905) foi engenheiro da E. F. Baturité e da E.F. Central do Brasil. (STUDART, 1915: 171-172). Autor do projeto de transposição das águas do rio São Francisco para o Ceará e estados vizinhos, ora referido (sob nº. 101, na coleção Studart/ 1924: 2014; 2010: 206), elaborou o mapa do Ceará, mencionado a seguir (ver ARC 1-8-2).[33]

[33] A propósito de transposição das águas do São Francisco, conviria lembrar que durante o século XIX foram apresentados vários projetos não consumados. No século XX, novas propostas foram oferecidas, formuladas com apelos messiânicos, envolvidas com interesses políticos e não materializadas.

- ARC - 1-8-2 – CEARÁ, 1889.
  Tristão Franklin de Alencar Araripe.
  [Antônio Caio da]*Silva Prado. Presidente da Provincia e collecionada até hoje com todos os dados officiaes pelo engenheiro Tristão Franklin.*
  *Copiada no Collegio da Im^da^. Conceição do Ceará offerecida a DD Irmã Superiora julho de 1889.*
  *Mss. Aquarellada 1,623 x 1,260 m.*
  *A S. A. I. Conde d'Eu offerece a Superiora / do Collegio da Immaculada Conceição. Agosto de 1889.*[34]

Mapa manuscrito, com dimensões amplas e legendas valiosas, que atestam o desenvolvimento material da Província nos dias finais do Segundo Reinado.

As legendas do mapa, escritas com letras góticas e cursivas, apresentam as indicações que se seguem :

- *Capital / cidade / Villa / Freguesia / Povoação / Colonia.*
- *Estradas de Ferro em trafego* (linhas cheias em vermelho).
- *Em construcção* (linhas tracejadas em vermelho).
- *Linha telegraphica* (linhas cheias em verde).

No conjunto de informações pertinentes à Estrada de Ferro de Baturité, o mapa oferece um *Quadro das declividades e das curvas* [da E.F.B.] *com indicação das extensões correspondentes, taxas de declives e raios. / Perfil e planta geral - esc. 1:400.000.* Ainda no atinente à ferrovia, o mapa mostra os dizeres: *Visto - Piqt* [Piquet (Carneiro)?] */ Organisado por - A Virissimo de Mattos, Chefe da Linha J. Moreira desenhou.*

A ferrovia, em construção, já atingia a cidade de Senador Pompeu (antiga Humaitá, indicada com o novo nome) e estava aberta ao tráfego até Prudente de Morais [.....]. Entre estações já mais distantes da Capital,

[34] S. A. I. significa *Sua Alteza Imperial*. Por temor de agravamento dos problemas de saúde do Imperador e ante a possibilidade de ascensão da princesa Isabel ao trono, seu esposo, o Conde d'Eu – Luis Filipe Gastão de Orléans (1842-1921), francês, realizou longa viagem marítima às "Províncias do Norte", em busca de angariar simpatia popular para sua pessoa. Na ocasião, de passagem pelo Ceará, permaneceu pouco tempo na Capital como hóspede do governo da Província, havendo visitado Sobral e Baturité, quando utilizou os serviços ferroviários da E. F. Sobral e da E. F. Baturité. Estes fatos explicam o oferecimento do mapa ao Conde.

o mapa cita Quixadá, Floriano Peixoto (atual Juatama), Uruquê, Quixeramobim, Prudente de Morais, Antonio Olyntho (atual Lacerda [?]), Senador Pompeu. Um desenho complementar mostra, em planta, as distâncias entre todas as estações, enquanto outro desenho apresenta um perfil da ferrovia (em corte), com todas as altitudes das estações (inicia-se com a Central - 15,50m / (...) Acarape 76m / Itapahy 187m / Canafistula 171m / (...).

O mapa também presta informações pertinentes à navegação marítima costeira e navegação internacional:

- Navegação costeira - empresas Maranhense e Pernambucana: conforme as legendas, as rotas aparecem indicadas com linhas contínuas.[35]
- Navegação internacional - empresas Americana [e] Inglesa: as rotas são apontadas por meio de linhas em várias cores.[36]

Na coleção Studart, mapa nº 101 (1924: 214-215; 2010: 2060.

- ARC - 9-2-33 - CEARÁ, 1892.
  João Gonçalves Dias Sobreira.
  *Apontamentos para a carta topographica do Ceará pelo professor Jº. G. Dias Sobreira / João Pessoa / Lith. a vapor M. Henriques, 1892. /*
  *Escala 1:200.000. 63-47 cm (W 41º 30'- W 37º 15'/ S 2º – S 8º15'). Inserto: Planta de Fortaleza. Acima do título: Republica Brasileira. Coleção Benedicto Ottoni. / 530.863 – 1979 AA*

[35] No mapa, há indicação de linhas de navegação que partem de Fortaleza para o Camocim e para o Norte (Amazônia), servidas pelas Companhias Pernambucana e Maranhense. Essas empresas, que recebiam subsídios do governo cearense, possuíam frotas compostas por pequenos navios costeiros, cujo conforto e locais de escala, à época, receberam comentários de viajantes conhecidos, como Antônio Bezerra, João Brígido e outros.

[36] As linhas de navegação, que seguiam para o exterior (em direção aos Estados Unidos), eram servidas pelas companhias Red Cross Line of Sails Steamers e Booth Steam Ships Co. Ltd. A primeira, americana, fazia navegação a vapor, mas também ainda mantinha navios a vela; a segunda, inglesa, somente com "vapores". O mapa mostra uma linha marítima no rumo leste, porém não informa o destino. Talvez prosseguisse viagem à Europa. As linhas de navegação internacional não mantinham escala no Camocim, porque o porto fluvial não atendia ao calado exigido por navios maiores. Na capital da Província, na segunda metade do século XIX, após a opção generalizada pela navegação efetivada com energia a vapor, os navios, já construídos com arcabouços de ferro, passaram a ancorar em mar aberto, na frente da cidade, buscando ponto onde a profundidade do mar o permitisse. Somente após a construção do cais no Mucuripe em meados do século XX, o embarque e o desembarque de passageiros e mercadorias passaram a ocorrer sem dificuldades.

João Gonçalves Dias Sobreira, cujo retrato aparece no mapa (!), era figura de múltiplas atividades intelectuais, por tal motivo mencionado com discreta galhofa no *Programa de Instalação* da Padaria Espiritual em 1892: "Artigo 31 – Encarregar-se-á um dos padeiros [um dos sócios] de escrever uma monographia a respeito do incansavel educador professor Sobreira e suas obras."[37]

Quatro anos antes, em 1888, Sobreira já havia elaborado uma primeira versão da carta, conforme refere Studart (mapa sob nº 104, na coleção do historiador). A segunda versão recebeu o nº 110, na mesma coleção. (1924: 215 e 2017; 2010: 206 e 208)

### 3.4. Mapas elaborados no século XX

Discussões sobre conceitos de antiguidade, em termos de cartografia, devem levar em conta o tempo transcorrido, mas também as técnicas de levantamento das medições e os processos de reprodução gráfica. Deste modo, as cartas do século XX, ora arroladas, não podem propriamente receber a denominação de "antigas", uma vez que não cumprem cabalmente o subentendido no título deste artigo. Em consequência dos fatos, preferiu-se, portanto, dividir o período, já recente, em duas fases. A primeira, correspondente aos anos da chamada República Velha, do início do século XX, época da instalação da *Inspectoria Federal de Obras Contra as Seccas*, encerrando-a com a Revolução de 1930. A segunda fase, referente aos anos posteriores, assiste à criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

#### *3.4.1. Mapas elaborados até 1930*

Boa parte dos mapas cearenses preservados na Biblioteca Nacional, elaborados no século XX, até 1930, mantém relacionamento direto ou

[37] Por sua produção diversificada e por suas variadas atividades profissionais e intelectuais, João Gonçalves Dias Sobreira (Crato, 1847- 1926, Rio de Janeiro) aparece citado nos três volumes do *DiccionarioBio-bibliographico Cearense* do Barão de Studart! (v. I: 486-488; v. II: 422; v. III: 263). Em dias mais adiante, já não jovem, provavelmente por necessidade de sobrevivência, tornou-se telegrafista, tendo servido no Ceará, em São Paulo e no Rio de Janeiro. A *Carta*de Sobreira tanto integra o acervo do AHEx (ver comentários *in* CASTRO, 1997: 37-38), como participava da coleção Studart, com uma cópia sob nº 110. (STUDART, op. cit. 2010: 208). Sobre a curiosa e famosa Padaria Espiritual, ver TINHORÃO, José Ramos - *A província e o naturalismo*, 1966 e AZEVEDO, Sânzio – *A Padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará*, 1996.

indireto com a Inspectoria Federal de Obras Contra as Seccas (IFOCS), o atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Instituição nascida em 1909, a IFOCS, conforme definia sua própria denominação, tinha como objetivo o combate às secas por meio de obras. Em outras palavras, atuava por via de intervenções físicas pertinentes à construção de açudes, de estradas (rodovias) e de portos, ações estas alargadas à instalação de campos de experimentação, voltados para pesquisas de melhoria da produção agrícola. Na época, foram formados quadros nacionais responsáveis pela execução de trabalhos de engenharia (e, posteriormente, de agronomia e piscicultura), bem como, no desenvolvimento dos programas, se tornou valiosa a ajuda de cientistas e técnicos estrangeiros, quase sempre norte-americanos. Os trabalhos de maior expressão material ficaram a cargo de três empresas internacionais, cujos contratos, assinados no governo Epitácio Pessoa, foram rescindidos na administração Bernardes.[38]

Os títulos dos mapas ora arrolados são auto-explicativos, pelo que prescindem de se acompanham de comentários específicos. As cartas desse período, cabe lembrar, compreendiam uma quarta parte da desaparecida coleção do Barão de Studart, a qual dispunha de 44 peças concernentes, direta ou indiretamente, ao tema das secas, cartas elaboradas entre 1900 e 1922, em bom número, relativas ao porto de Fortaleza. (STUDART, 1924: 177-226; 2010: 210-217).

Quanto aos técnicos estrangeiros e nacionais participantes das atividades da IFOCS, cumpre prestar algumas informações. Integravam o numeroso grupo de cientistas, que prestaram valiosos serviços, quase sempre norte-americanos, muitos dos quais se radicaram no País, e cuja memória é reverenciada em vários estados brasileiros, particularmente em São Paulo.

Roderic Crandall (1885 - 1971) era um jovem engenheiro americano dedicado à geologia, em atividade no Ceará e em outras

[38] O trio era formado pelas empresas Norton Griffiths & Co., inglesa, e Dwight P. Robinson & Co. Inc. e C. H. Walker & Co., americanas. As duas primeiras atuaram no Ceará, enquanto a última, no Rio Grande do Norte e na Paraíba. (ALMANACH DO CEARÁ, 1922: 151-156). Rescindidos os contratos, os canteiros de obras ficaram abandonados por longo tempo, com obras retomadas anos mais à frente. Na Paraíba, o açude São Gonçalo (em Sousa) foi inaugurado por Getúlio Vargas em 1938, enquanto o açude Gargalheiras (em Acari), no Rio Grande do Norte, somente em 1959, por Eurico Dutra. O açude do Orós, no Ceará, o maior de todos, finalmente foi inaugurado por Juscelino Kubitschek em janeiro de 1961, quatro décadas após o início das obras!

partes do País, enquanto Horace Elbert William (1866 - ? ), também engenheiro, tinha especial interesse em geodésia, o que explica sua participação como cartógrafo em diferentes ocasiões. (STUDART, 1918: 254-258). Albert Loefgren (1854-1918), botânico sueco, veio para o Brasil acompanhado de um filho. Faleceu no Rio de Janeiro. (STUDART, 1918: 53-254).

Entre os profissionais brasileiros, citem-se Francisco Sá e Pompeu Sobrinho. Francisco Sá (1862 - 1936) era mineiro, contratado pela Estrada de Ferro de Baturité como engenheiro. Casou-se com uma das filhas do Comendador Accioly, presidente do Estado, integrando-se à vida cearense. Casou-se com uma das filhas do comendador Accioly, presidente do Estado, integrando-se à vida cearense. Como técnico,Sáparticipou com destaque do grupo que fundou a Inspectoria Federal de Obras Contra as Seccas. Como político, foi eleito deputado federal e senador em seguidas legislaturas, alcançando a alta posição de ministro em duas administrações da República. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho (1880-1967), engenheiro, cartógrafo, antropólogo, historiador das técnicas, figura como um dos nomes de superior presença nos meios intelectuais cearenses do século XX.

- ARC - 21-6-6 - CEARÁ, ca. 1900.
  *Ceará. Roteiro do autor [?]. Rio de Janeiro, Lith. Imp. de E. Rensburg. / ca.1900 /Sem escala. 25 x 16 cm (W 41º 15'- W 37º – 10' / S 2º50' - S 7º55').*

Sem referências.

- ARC - 2-14-4 - CEARÁ, 1910.
  Brasil. Inspectoria de Obras contra as Seccas.
  *Mapa do estado do Ceará mandado confeccionar por (...) ampliação parcial do mappa levantado sob a direcção dos engenheiros Horace E. Williams e Roderic Crandall do Serviço Geologico. Rio de Janeiro, São Paulo, Lith. Hartmann-Reichenbad, 1910. / Esc. 1:650.000 / 0,720 x 0,915 cm.*

Ver outras referências em ARC - 2-12-15 e ARC. 17-7-30.

- ARC - 6-6-7 - CEARÁ, 1910.
  Brasil. Inspectoria de Obras contra as Seccas.
  *Mapa dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parayba com parte dos Estados limitrophes pelo Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.*
  *São Paulo, Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach, 1910 / Escala 1:1.000.000 /*
  *64 x 84 cm (Publicação n. 3 série I, G) (W 42º – W 34º 30'/ S 2º30' S 8º).*

Há outro exemplar, dito ARC 17-1-13 / 527.114-1979 AA

- ARC - 6-9-15 - CEARÁ, 1910.
  Mappa botanico do estado do Ceará / Alberto Loefgren.
  *Escala 1:3.000.000 (W42º – W 34º30' / S 2º 30'- S 8º).*
  *Rio de Janeiro: Francisco Bastos, 1910.*
  *Extraido de um mapa reduzido dos estados do Ceará, Parayba e R.Gr.Norte / da Inspectoria de obras contra as seccas, Ministerio da Viação e Obras Publicas. 585.209-1982 – AA (ex. 1) 164.984 – 19531 – AA (ex.2) 1 mappa / col.;24 x 31 cm.* [Sob nº 138, na coleção Studart].

- *ARC - 32*-6-31 - CEARÁ, / 192… - [?] .
  Estado do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba.
  *Escala 1:1.500.000 (W 42º – W 35º / S 2º – S 8º) / s.l. : s. n., 1920 – [?] /. 1 mapa; 47 x 55 cm. Com um quadro de distancias kilometricas de algumas ferrovias dos estados. / 622.648 – 1984 – AA*

- ARC - 17-7-31 - CEARÁ, 1926.
  Brasil. Inspectoria de obras contra as sêcas.
  *Mapa do estado do Ceará mandado confeccionar pelo S. Exª. Dr. Francisco Sá, ministro da viação, (...) ampliação parcial do mapa levantado sob a direção dos engenheiros Horace E. Williams e Roderic Crandall do Serviço Geologico. 2ª ed. Rio de Janeiro e S. Paulo. Comp. Lith. Hartmann-Reitchenbah* [sic], *1926. / Escala 1:650.000. 0,720 x 0,915 m.*

- ARC - 19-4-9.
  Brasil. Inspectoria Federal de Estradas.
  *Mappa de viação dos estados do Piauhy e Ceará, publicado no periodo presidencial do Dr. Washington Luiz Pereira de Souza (....). São Paulo, Rio de Janeiro. Companhia Lithographica Ypiranga, 1929.*
  *Esc. 1: 1.500,000 / (59 x 75 cm) / (W46º - W 37º10' / S 2º 50'- S 10º40').*

Washington Luís tinha como lema administrativo a frase: "governar é abrirestradas". No seu governo, em 1928, foram inauguradas as primeiras rodovias com pavimentação moderna no País, postas a serviço da frota motorizada – a estrada Rio – Petrópolis, bem como um trecho curto da antiga estrada Rio – São Paulo, esta, entretanto, já totalmente aberta. No Ceará, o projeto ambicioso de implantação de uma rodovia federal entre a Capital e o alto da serra de Baturité (Guaramiranga), limitou-se à inauguração de reduzida parte inicial, com menos de 5 quilômetros, até a Parangaba, festivamente ocorrida em 6 de julho de 1930, já às vésperas da Revolução. Valorizada com pavimentação em concreto, novidade para a época, denominou-se oficialmente avenida Washington Luís. Deposto o Presidente em 5 de outubro, o empreendimento rodoviário que o homenageou, pouco depois, em 21 de outubro, teve o nome mudado pelo novo prefeito para avenida João Pessoa... (MOTA, L., t. 69, 1955: 143 e 152).

*3. 4. 2. Cartografia posterior a 1930.*

Constitui um conjunto de mapas impressos, cujos exemplares podem ser encontrados em várias instituições, ora relacionados apenas como complementação expositiva.

- ARC - 2-12-26 - CEARÁ, 1931.
  Pompeu Sobrinho, Thomaz
  *Mappa do estado do Ceará organizado por ... / Fortaleza / Quinderé & Cia, 1931. Esc. 1:1.500.000 / 98 x 125 cm.*
  *(W 41º 15'- W 37º 10'/ S 2º50' – S 7º 55).*

- ARC - 17-3-25 - CEARÁ, 1935.
  Brasil. Inspetoria de Obras Contras as Secas.
  *Mappa do Estado do Ceará, 1935. Nova ed. Organizada pelo inspector Technico addido, Thomaz Pompeu Sobrinho (....). Rio de Janeiro e São Paulo. Cia. Lithographica Ypiranga, 1935. Mapa colorido. 1,210 x 0,90 m.*
  *Cartela: Municipio de Fortaleza, esc. 1:150.000 [ 2ex.].*

- ARC - 22-4-17 - CEARÁ – CENSO, 1950.
  Ceará. Secretaria de Educação e Saúde do Ceará.
  *Atualizado por Solon Onofre Xavier, de acordo com a lei n. 1153, de 22. XI. 51 e devidamente aprovado pela Diretoria Técnica de Educação do Estado, 3ª ed. Fortaleza, 1955. Esc. 1:1.000.000 / 85 cm x 65 cm.*
  *(W 41º 15'- W 37º 10'/ S 2º 50'- S 2º 50'- S 7º55').*
  *Inserto: Município de Fortaleza.*

Contém o recenseamento geral do Estado do Ceará em 1950.

- ARC - 15-1-12 - CEARÁ, 1952
  Xavier, Solon Onofre
  *Mapa do estado do Ceará, 1952. Atualizado por (...), de acordo com a lei 1153, de 22.XI.1951. Aprovado pelo Conselho Estadual de Educação. / Fortaleza, s.ed. / Esc. 1:1.000.000 / 76 x 57 cm.*
  *(W 41º l5'- W 37º 10'/ S 2º 50'- S 7º 55').*

Solon Onofre Xavier (Pombal / PB, 25.2.1922 - Fortaleza, 30.8.1961), vale esclarecer, era cartógrafo atuante na cidade da Fortaleza, falecido prematuramente.

***

Na Biblioteca Nacional, há mais mapas gerais e parciais do Ceará, concernentes a rodovias, portos, geologia e fitogeografia, recentes e antigos. Entre estes, incluem-se cartas da coleção Pimenta Bueno (ARC 8-2-51 / ARC 3-11-12).

### 3.5. Mapas viários - ferrovias e rodovias

Foi efetuada separação modal a fim de facilitar a exposição.

*3.5.1. Mapas ferroviários*

- ARC 4-10-51 - SOBRAL - 1890.
  R. Callender.[39]
  *CEARÁ - Planta Geral da Estrada de Ferro do Sobral / 1890.*
  *Mss. em tela - 0,590m x 430m - escala 1:200.000. /*
  *Copiado por José Luiz Martins Penha.*

A Estrada de Ferro do Sobral visava à ligação do porto do Camocim com a cidade do Sobral, com linhas expandidas nas zonas Norte e Oeste do Estado. A interligação da ferrovia com Teresina e com Fortaleza ocorreu posteriormente.

- ARC - 25-2-17 - SOBRAL. CEARÁ.
  *Estrada de Ferro do Sobral. Planta da Cidade do Sobral.*

Mostra as plantas de várias localidades servidas pela ferrovia:

Granja – esc. 1:4.000
Sobral – esc. 1:4.000
Sta. Ana - esc. 1:4.000
Povoação dos Remedios – esc. 1: 2.000 [Granja]
Camocim – esc. 1:8.000 (1878) [h = 13 cm]
Camocim – esc. 1:8.000 (1880) [h = 19 cm]
Villa de S. José [ ? ] – esc. 1:2.000

- ARC - 12-8-15 - CEARÁ, 1944.
  Brasil / Departamento Nacional de Estradas de Ferro.
  *Mapa da viação dos estados do Piauí e Ceará.*
  *Ceará / Estrada de Ferro, 1944.*
  *São Paulo, Companhia Lithographica Ypiranga, 1944.*
  *Esc. 1:1.500.000 / (717 x 780 cm).*

[39] São imprecisas as informações sobre Callender. Educado na Inglaterra, era filho do cônsul britânico no Rio Grande do Sul, mas provavelmente brasileirode nascimento, o que justificaria a exclusão de seu nome na lista dos *Estrangeiros e Ceará*, publicada pelo Barão de Studart. (Revista do Instituto do Ceará, t. 32, 1918; t. 33, 1919; t. 34, 1920). Callender assistiu ao lançamento dos primeiros trilhos da ferrovia, solenidade realizada em 1879. Casou-se no Ceará.

*3.5.2. Mapas rodoviários*

- ARC - 5-12-20.
  Brasil – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.
  *Mapa rodoviário / do / Ceará / Brasília / Ministério dos Transportes, 1980.*
  *Esc. 1:750.000 / Projeção policônica.*

- ARC 34-5-23, 1984.
- ARC 34-5-22, 1985.
- ARC 34-3-23, 1987.

As referências acima são feitas a um conjunto de cartas rodoviárias do Ceará, já recentes, compiladas pelo então DNER [atual DNIT] / 1:700.000 / [policônicas].

**3.6. Outros mapas**

Levantamentos aerofotogramétricos

- ARC - 19-2-36.
  Fortaleza Exército, 1945.
  *Carta da cidade de Fortaleza e arredores, levantada, desenhada e impressa pelo Serviço Geográfico do Exército.*

Conjunto de oito cartas executadas pelo Serviço Geográfico do Exército por meio de levantamento aerofotogramétrico, na modalidade, o primeiro com que o Ceará foi contemplado. Trabalho da mais alta qualidade profissional, quer pela precisão dos dados, quer pela resolução gráfica, foi executado em escala de 1:10.000. Abrangia praticamente todo o município de Fortaleza, com curvas de nível a cada 5 metros, mostrando vastas áreas ainda não ocupadas pela expansão urbana. O novo gênero de registros estava provavelmente ligado ao rápido mapeamento aerofotogramétrico da costa do Nordeste brasileiro, transformada em corredor aéreo de acesso ao norte da África e à Itália durante a última Grande Guerra.

As tomadas de aerofotogramas, postas a cargo de grupo especializado do Exército, tiveram início em janeiro de 1944, realizadas, portanto, por aeronaves já integrantes da Força Aérea Brasileira. A FAB havia sido

formada recentemente, em consequência da criação do Ministério da Aeronáutica, decisão que implicou a união da Aviação Militar e da Aviação Naval, anteriormente isoladas, mas, deste então, reunidas em uma só corpo de defesa. (CASTRO, 2011: 107-108).[40]

***

Como conclusão deste artigo, insista-se em lembrar que o acervo da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional está sempre em ampliação, além de que algumas referências indicadas como ARC podem ter sido renomeadas. Por tais razões, muitos registros ora divulgados talvez solicitem ajustes, bem como, outras cartas, eventualmente omitidas no texto, devam ser incluídas no arrolamento.

O presente trabalho, vale insistir, objetiva divulgar listas de documentos cartográficos cearenses que possam servir de guia a pesquisadores interessados. Deve-se, porém, ressalvar que o acervo da Biblioteca Nacional vem sendo ampliado com a digitalização de cópias de documentação antiga - escrita e impressa, além de que cabe também se levarem em conta os vários programas de permutas de documentos com os quais estão envolvidas muitas instituições nacionais e estrangeiras. Como os serviços de atualização técnica do acervo da Biblioteca Nacional (e de outras entidades) são executados de modo sistemático, mas gradativo, é provável que algumas peças relacionadas neste artigo ainda não tenham recebido aquele tratamento. Por outro lado, não se elimina a hipótese de haver mapas, já digitalizados, todavia não incluídos neste artigo.

***

Dos mapas relacionados no texto, todos integrantes do acervo da Biblioteca Nacional, poucos mostram condições de reprodução impressa, seja por impossibilidade de redução gráfica das pranchas, comumente amplas e coloridas, seja pelas dimensões do formato da Revista do Instituto do Ceará.

[40] A carta do Serviço Geográfico do Exército foi posta à aquisição dos interessados, constituindo documentação adquirida por várias instituições e por colecionadores particulares. O levantamento de 1945 serviu de apoio às diretrizes do plano urbanístico proposto pelo urbanista José Otacílio Saboya Ribeiro em 1947, aprovado oficialmente, porém não efetivado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. (Ver CASTRO, 2011: 109-119).

## Bibliografia

ALENCAR, Alvaro Gurgel de. *Diccionariogeographico, historico e descriptivo do Estado do Ceará*. Fortaleza: Louis C. Cholowieçki, 1903.

ALMANACH do Ceará. Edição Especial. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

AZEVEDO, Sânzio. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar / Programa Editorial, 1996.

BARATA, Mário. Século XIX. Transição e início do século XX. In: *História Geral da Arte no Brasil*. Org. Walter Zanini. São Paulo: Walther Moreira Salles, 1983. V. 1, p. 377-451.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento.*Diccionario Bibliographico Brazileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893; Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970 [impressão fac-similar].

CASTRO, José Liberal de. Cartografia cearense no Arquivo Histórico do Exército. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 111: 9-79, 1997.

____ Planos para Fortaleza esquecidos ou descaminho de desenhos da Cidade. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 125: 65-136, 2011.

*CATÁLOGO da Exposição de História do Brasil.* Brasília: Editora Universidade de Brasília,1981 [ed. fac-similar].

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago, Encyclopaedia Britannica,1965, v.14.

FARIA, Ernesto. Vocabulário Latino-Português. Rio de Janeiro: Briguiet, 1943.

FARIA, Maria Dulce de. Entrevista com Maria Dulce de Faria. In: *Acervo.* Rio de Janeiro – Revista do Arquivo Nacional (Cartografias), v. 29, 1: 9-30, jan. / jun. 2016.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra.* Introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: EDUSP, 1994.

GIRÃO, Raimundo. *Os munic*ípios ceare*nses e seus distritos*. Fortaleza: SUDEC, 1983.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966

GUIA da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2000.

HAWKSHAW, John. Relatorio de Sir John Hawkshaw em 1875 sobre melhoramentos dos portos do Brasil. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 23: 183-188, 1909.

MELLO, F. I. M. Homem de. Excursões pelo Ceará, São Pedro e São Paulo *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 35 (2ª parte), 80-169, 1872.MOTA, Leonardo. Datas e fatos para a História do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 69: 130-182,1955.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. [Rio de Janeiro,]: INL/MEC, 1966.

NOGUEIRA, Paulino Nogueira. Vocabulário indigena em uso na provincia do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1: 209-432, 1887.

RODRIGUES, José Honório.Índice anotado da Revista do Instituto do Ceará (do tomo I ao LXVIII). Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

STUDART, Guilherme, Barão de. *DiccionarioBio-bibliographico Cearense*. Fortaleza: Typ. Minerva, 1915. p. 171-172, v.3.

___ Estrangeiros e Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 32, 1918: 191-268; t. 33, 1919: 239-248; t. 34, 1920: 351-358; t. 36, 1922: 381-389.

____Cartographia, Mappas, Cartas etc / Referentes ao Ceará. *In*: Geographia do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 37: 160-364, 1923.

___*Geographia do Ceará*. Fortaleza: Minerva, 1924.

___*Geografia do Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará / Banco do Nordeste, 2010

TACLA, Zake. *A arte de construir*. São Paulo: Unipress.1984.

TELLES, Pedro Carlos da Silva. *História da Engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1984.

TINHORÃO, José Ramos. *A província e o naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VITERBO, Francisco de Sousa. *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1899. [ed. fac-similar 1988].

***

## Sumário

O presente artigo tenciona divulgar referências cartográficas pertinentes ao Ceará, integrantes do acervo documental da Biblioteca Nacional, prestigiosa entidade cultural com sede na cidade do Rio de Janeiro. Revela o intuito de prosseguir trabalho do autor, elaborado com igual objetivo, sob o título *Cartografia Cearense no Arquivo Histórico do Exército*. (Revista do Instituto do Ceará – tomo 111, 1997: 9-79).Assim, este artigo, após arrolar uns poucos mapas anteriores ao século XIX, preocupa-se com cartas oitocentistas, mais numerosas, conferindo ênfase a cópias litografadas de vários mapas devidos a Antônio José da Silva Paulet. Em busca de uma visão geral do acervo examinado, inclui uma relação de cartas recentes, do século XX.

## Abstract

This work intends to make public maps related to the State of Ceará (Brazil) preserved in this country's National Library (Biblioteca Nacional), in Rio de Janeiro. It reveals, at the same time, the purpose of carrying on the author's article intitled *Cartography of the State of Ceará in Brazilian Army Historical Archives* (AHEx), published in Revista do Instituto do Ceará, n. 111, 1997: 9-79. Therefore, this work enrolls a few maps dated before 19th century, as long as it is really interested in the cartographical production of that century, emphasizing lithographed maps prepared by Antônio José da Silva Paulet. Finally, in search of a general vision of those documents considered here, it includes recent maps, prepared in 20th century, as well.

***